O Lostanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

Redacção, Administração e Oficinas:

Castanheira-de-Pêra - Telefone 16

Director e Editor:

Adriano José Sebastião Coelho

Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da

N. os 335 4

ADO XI

SINFONIA DE JANEIRO

Estende-se a paisagem que a Natureza e o Tempo desdobram. A realçar de formosura serpeia a ondulante ribeira, osculando carinhosamente o arvoredo que se mira no seu espelho de cristal límpido. O casario, dependurado no colo da Serra, salpica de branco o verde da vegetação. De socalco em socalco, de fraga em fraga, a «novidade» gerada «a Deus dará», reproduz-se na celebração de apoteose ao Sol Redentor. Escarpadas veredas transformam-se, aplainadas pela comodidade do homem. O caminho tortuoso, ingreme, apedregulhado, rasgou-se para dar leito à estrada lisa e larga. Fumegam chaminés afuseladas das Fábricas ao labor matemático dos motores que levam seiva à maquinaria. Assentam-se pilares de mais uma capela, de uma e outra igreja, para receberem o crente ao espiralar da mirra ardendo nos turíbulos. Sulcam-se os mares na loucura da ambição e no almejo da fortuna. Atravessa se o espaço em asas platinadas, no voltear nervoso das hélices, na avançada da Civilização. E o Pensamento, que nunca descansa, rompe através das Escolas, das Tribunas, dos Laboratórios, das Oficinas, na ousada conquista do Triunfo.

E' a gigantesca acção do Homem que rege, de Janeiro a Janeiro,

nova sinfonia, a transformar a paisagem...

Nesse corolário de ideias enfileiramos de mãos dadas com aquelas que representam o Bem e o Progresso. De coração terso seguimos caminho, sem nos amedrontar barranco ou ladeira intransponíveis, seguindo as lições de há milénios que conduzem à confraternização universal — até — à Perfeição.

Desta Tribuna assente na rocha virgem da Serra — da Serra misteriosa e grande — ufana do seu ven-tre de tesoiros — temos erguido, qual vulto de epopeia, a nossa voz forte forte e soante — pelas honestas cau-sas que defendemos! Soante e forte, por não esmorecermos na abalada que a guia ao encontro do mais acendrado Regionalismo!

Um dia foi aqui escrito, dentro dos princípios da alta missão da

«Não vamos orientar êste jornal com outros intuitos que não sejam os de pugnar, desinteressadamente, pelos interêsses do seu Concelho e sua Região. Que todos compreendam bem o nosso fim, logo no comêço dêste modesto artigo bem frizado e assim, a honestidade das nossas palavras, aqui impressas, serão por todos bem compreendidas.

Nada de malabarismo e nem estratagema, de double face. Sejamos honestos e nunca tenhamos em vista fazer do torto direito. Que todos os castanheirenses nos saibam compreender, pelo menos os honestos, e o nosso alvo virá a ser atingido.

Com o que acabamos de escrever, como sempre, provamos ser o mesmo homem, alheio e despresando a calúnia repugnante de duas honras

numa só pessoa. Castanheirenses, o meu fim será

Por Castanheira-de-Pêra e Re-

Por Portugal e sem Império!

Estas palavras sairam da caneta do nosso considerado Diretor não há muitos anos. Foram escritas num sentido leal, ao serem ditadas por espírito que sabe o que pretende, em

1943. Sob a sua acertada orientação temos seguido o programa então esboçado, sem o menor desvio. E nessa «ordem de serviço» tem «O Castanheirense» feito esforços por cumprir, preenchendo o seu quadro de pertinaz obreiro com as campanhas persistentes como estas:

Abertura e acabamento de estra-

Ligações de ramais à via princi-

Numa luta revestida de teima não tem posto à margem, nem largará, o problema de habitação que engloba o levantamento de um Bairro Eco-

As colectividades de recreio e de desporto do Concelho têm tido o nosso franco apoio e incentivo.

Conforme nos é permitido temos prestado a nossa apagada colaboração à poderosa Indústria de Lanificios de Castanheira-de-Pêra.

As povoações que aspiram a rêde telefónica e mais benefícios de urgente execução têm sentido os efeitos da interferência dêste jornal.

Os serviços dos CTT tem sido, aqui, convenientemente julgados.

O edifício dos Correios é problema em causa, nunca considerado à margem enquanto a esta Vila não fôr dada uma estação condigna.

Temos abordado o assunto Turismo, tão mal interpretado, mas de fácil solução, salientando as condições quase únicas desta encantadora Região.

Continuaremos a animar a louvável iniciativa da construção do Asilo para Velhos e Inválidos,

Zelamos de perto a conservação



Sirector

O consideradíssimo é assim como nos apetece distinguí-lo - director de « O Castanhei. rense», sr. Adriano José Sebastião Coelho, é um de

aquêles espíritos de atracção que prende quantos consigo privam Moderadissimo em todas as maneiras de proceder, faz des dobrar em sua volta extenso cordão de sinceras amizades, que c levam nesta época amedrontadora de consciências enganosas, a não

Cavaqueador impenitente, entretem horas e horas os que di conhecer um inimigo. si se acercam para «matar o tempo», sempre igual em terras comi êste burgo sossegado. Dotado de nobres sentimentos, vem dirigindo «O Castanheirense» com aprumo e independência, tendo sempre en vista o interêsse e levantamento da sua terra-natal, pela qual fa. vibrar pensamentos e movimentar canetas, na patriótica atitude di salientar o merecimento da Região.

Cumprimentamos o nosso querido director, com votos pari que se conserve à frente dêste periodico que se decidiu e continuari a pugnar pelos legítimos direitos de Castanheira-de-Pêra e sei

Concelho.

dos monumentos que ao torrão foram

legados. «O Castanheirense», dentro do português, orgulho de beirão e de português, tem salientado a acção brilhante dos ilustres filhos desta terra - que mui-

No devido grau tem evidenciado a honrosa actuação dos seus estimados conterrâneos que labutam extra--muros e em terras de além-mar.

E ainda êste jornal tem servido com assiduidade as localidades de Figueiró-dos-Vinhos, Pearógão Grande, Lousa, Miranda-do Côrvo, Espinhel e Avelar.

Aos Vultos que a morte arrebatou, que nesta terra deixaram preciosas pérolas da ua Abnegação, da sua Filantropia, continua «O Castanheirense» a dar relêvo, emmoldurando-os num respeitoso preito de saudade, na galeria da sua especial Admiração.

Tem sido assim, mais ou menos, a obra a que metemos ombros.

Continuaremos na mesma esteira de BEM SERVIR, com a fé de atingirmos - sabemos lá quando - a consumação de emprêsas suspen-

sas... de projectos em embria em esbôço...

Continuaremos a acorda adormecidos à sombra do «já feito a alentar os que podem... et mente arrimados ao «vai fazer

Continuaremos a lembrar o é necessário desenvolver para pero futuro de Castanheira-de-- que radioso porvir verá de tar, se todos se compenetrarer alta importância da sua Indús do inconfundível valor de muito seus homens.

Continuaremos, sim, atravé todas as críticas de gregos troianos, nesta fervorosa luta,

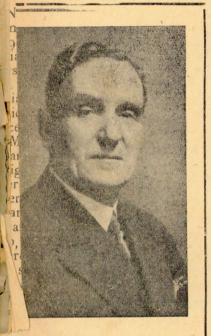
dos pela mão independente do Di È é ainda o Direito quem co as causa nobres ao trono da Jus

Ultima nota desta Sinfoni

Oxalá que ao compormos partitura, após o presente pe de doze meses que nos conv a múltiplos cometimentos, poss escrever nova peça, intitulada:

REGIONALISMO TR FANTE!

Manuel Alves Ceppas residente da Câmara Municipal



José Ermida lice-Presidente da Câmara

Das Actividades Locais

Castanheira-de-Péra, 20 de JABRIRO de 1947

URBANISMO

Seguimos na esteira dos centros que progridem.

Devido aos constantes estorços dos elementos que fazem parte da Câmara Municipal, vai esta Vila ter, dentro em breve, melhoramentos de apreciável valia, que a recomendarão como merece, impondo-a como centro industrial de reconhecido valor.

Isto explica que os Cidadãos que orientam os destinos da nossa terra não põem à margem os interêsses que a possam elevar muito mais acima do nível em que está colocada.

A digna edilidade que preside aos destinos dêste Concelho, age sem cartaz que rèclame honrarias. Trabalha no âmbito reservado dos seus gabinetes, consciente, sem alardes, para melhor sentir coroada de exito a sua louvável actividade.

URBANISMO:

Segue a notícia que se refere aos primeiros passos para uma transformação — embora singela — de Castanheira-de-Pêra:

No dia 11 do corrente mês de Janeiro foi celebrado o contracto entre a Câmara e o distinto arquitecto sr. Guilherme Gonçalves Gomes, para a elaboração do PLANO DE URBANIZAÇÃO DA VILA.

Dentro da área abrangida pelo plano em projecto, enquanto se prolongarem os respectivos estudos, não serão permitidas obras sem o autorizado parecer do referido aquitecto, o qual se obrigou pelo mesmo contracto a pre-assistência técnica sôbre todos os assuntos que se relacionem com a urbanização da Vila de Castanheira-de-Pêra.

Como se vê, continua a nossa Câmara na preocupação do engrandecimento citadino, depois de já ter dotado os seus munícipes com melhoramentos de valor excepcional, como o abastecimento de águas. Aliada à iniciativa particular vem colaborando na erecção do tão falado Asilo de Velhos e Inválidos, e, neste ano de 1947 que ora inicia a sua caminhada, há muito que esperar dos incansáveis membros que orientam êste progressivo torrão.

Pela notícia acima inserta se adivinha a transformação que vai sofrer a sede do Concelho mais industrial em matéria de lanifícios dêste lindo e glorioso Portugal.

000



Dr. Avelino Duarte Santos Provedor da Santa Casa da Misericordia



José Correia de Carvalho Presidente do Grémio dos Industriais de Lanificios



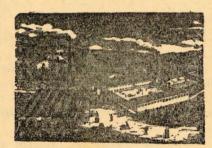
Manuel Alves Ceppas

Fábrica de Lanifícios

Telefone: 5

ESCOMBAIS

Castanheira-de-Pêra



Fábrica Nacional de Lanifícios

A repair a capacité de la capacité d Carvalle,

ESCONHAIS

CASTARBEIRA-DE-PÊRA

Por vezes, é conveniente que, submetendo-nos a uma lógica rígida, analisamos as cambiantes sentimentais do nosso espírito.

Cegos pela força do costume, os

Um dos casos sérios...

nar os estudos e eu continuei na senda académica. Afastamo - nos, portanto, graças à fôrça das circuns-

Um dia, o meu amigo, carregado

POBRES de PEDIR...

nossos sentimentos chegam a atingir aspectos de puro tradicionalismo. Se, como eu vou tentar agora, procurassemos analisar aqueles aspectos da vida que tanto nos ferem a sensibilidade muito portuguesa de poetas babosos, isolando o mais possível o raciocínio, dos influxos sentimentais do coração, encararíamos e julgaríamos êsses quadros que fazem parte do drama empolgante que é a vida, com mais imparcialidade e mais jus-

O assunto que vou procurar ver-sar, na maior parte dos seus aspectos, presta-se sobremaneira a essa análise.

Encaremos, pois, os pobres de

Nesta fase catastrófica que atravessamos, anda o mundo pejado de indigentes; mais do que nunca, portanto, a nossa observação pode incidir sôbre êles numa análise compa-

Mas, os pobres de pedir, são de todos os tempos. São quase, já, a uma deficiente assistência social um complemento poético da vida. E digo poético, porque êsses entes andrajosos, de mão estendida e lamúria aperrada a cada encontro, acordam nos nossos corações os doces sentimentos de compaixão o de ternura; porque êsses lazaros que a sociedade mantem das sobras da sua lauta mesa, têm até servido de musas inspiradoras de poetas, de pintores, de prosadores, de dramaturgos. São vulgares êsses temas, por demais explorados, em que o mendigo escorraçado da maldade do mundo, vai buscar aos raios benfazejos do sol o balsamo para as suas dores. E a sociedade de uma maneira geral escuta essas produções literárias, pinceladas de sentimentalismo, com as lágrimas nos olhos e os soluços a apertarem-lhe a garganta.

Cada Padre Nosso, rezado por essas vítimas de uma má organização social, tem jús a um óbulo, a uma côdea de pão, a uma palavra

de confôrto.

Eu não contesto que êsse auxílio seja justo. E'-o, incontestávelmente.

O meu ponto de vista, o meu intuito, é precisamente procurar mostrar, que a sociedade comporta uma classe de indivíduos, que tem mais e muito mais direito a essa compaixão e a êsse auxílio. E essa massa anónima e numerosa, mantem-se silenciosa no seu sofrimento, sem fazer ouvir as suas queixas e os seus lamentos. O seu estoicismo, sublime estoicismo êsse, é talvez o motivo que tem levado a sociedade a esquecê-la.

O trabalhador, aquêle que de sol a sol, se esfalfa na labuta árdua para angariar uma bucha dura para si e para os seus; o modesto funcionário, silencioso e pálido, que a sociedade obriga a mostrar um fatinho decente e uns sapatos engraxados, em troca de cinco ou seis notas que mal lhe chegam para o confôrto do estômago, não terão êstes mais direito à nossa compaixão e ao nosso auxilio?

Têm-no, por certo. Porque êstes sofrem no seu mutismo estoico as mais intensas agruras da vida, e a sociedade, com um cinismo revol-tante, ainda se ri dos seus sofrimentos, ridicularizado-os, apontando entre gargalhadas sarcásticas os sapatos cambaios e o fato coçado.

Os pobres de pedir, êsses, que vivem de explorar a caridade pública, associam-se à filosofia de Tamargo e dizem com êle: quanto mais andrajoso, melhor.

É além de todo o seu sofrimento

não é tão intenso.

Lembra-se o leitor de algum indivíduo, a quem o infortúnio e a miséria, tivessem obrigado a pedir de porta em porta? São raríssimos esses casos. Há quem tenha tido necessidade de lançar mão de um trabalho mais árduo e mais baixo na escala social; mas quem tenha sido forçado pela vida a agarrar num bordão e num saco e estender a mão a quem passa, é raro, muito raro mesmo, porque nessas almas sofredoras ainda existe um bocadinho de orgulho e um desejo intenso de se bastarem a si próprias

O pobre de pedir, existe porque a sociedade consente que a mendicidade seja uma profissão hereditária.

Aquelas crianças que andam por êsses caminhos de Cristo pedinchando um tostão, fazem-no porque o fizeram os seus avós, porque o fazem ainda seus pais. E a sua sensibilidade, o seu brio estão embotados pela fôrça do hábito, que acabou por os convencer de que pedir uma esmola é um acto tão legitimo, tão nobre mesmo, como dar uma enxadada na terra para prover o seu

Foi, é certo, uma péssima assis-

tência social que deu origem a esta deformação, porque em vez de recolher todas estas esmolas para a realização de uma obra honesta e de envergadura, em que êsses pobres de pedir de que o Mundo está pejado, fossem recolhidos e lhes fossem acordados o brio e o orgulho, enobrecendo-os com o trabalho, lhes vai dando dia a dia as migalhas que caem da sua mesa, aviltando-os, em vez de corrigir essa deformação psicológica. E êles já não sofrem. Sujeitam-se e encolhem os ombros às circunstâncias, talqualmente o escravo a quem só doeu verdadeiramente, a primeira chicotoda...

Os outros, os que acima apontei, êsses sofrem e muito, porque em vez de expandirem o seu sofrimento, a sociedade os obriga a ocultá-lo; so-frem porque trabalham incansávelmente e a sociedade ingrata, não lhes dá a justa compensação do seu esfôrço; sofrem, porque ainda têm brío e vergonba faltando-lhes por isso, a coragem para pedirem esmola.

Parece-me oportuno recordar uma passagem da minha vida, que feriu extraordináriamente a minha sensi-

bilidade.

FELGAR & RMÃO

Fábrica de Mungos

TELEFONE: 267

VISEU

A cêna passou-se com um ex--camarada de liceu. Estudámos juntos até ao terceiro ano. Nessa altura, o falecimento do pai do meu amigo, veio mais uma vez provar que neste «jardım à beira mar plantado», se protege extraordináriamente, aquêles que querem elevar-se, estudando. O men amigo foi obrigado a abando.

de privações e de necessidades, viu--se obrigado a procurar os amigos para que lhe valessem. E bateu-me ao ferrôlho. Vinha pedir-me que lhe arranjasse qualquer ocupação com-plementar, cujos proventos fossem engrossar o seu ordenado miserável de seiscentos escudos, que mal lhe chegava para comer.

Não sei por que desastrosa coincidência - o destino compraz-se em aumentar os sofrimentos dos que sofrem - o meu amigo chegou precisamente à hora de jantar. Debatia -me eu com um valentíssimo bife quando meu amigo me veio lançar e seu S. O. S. Ofereci-lhe de jantai e não aceitou, alegando que tinha

acabado de ingerir aquela refeição A' medida que êle ía falando, et analisava o seu rosto pálido, desco lorido, esquecido já de sorrir. Re lembrava naquela máscara, o moço folgasão, que era perito em aplica graciosissimas partidas aos mestres A grande transformação que operár na sua vida, espelhava-se na sua fac encarquilhada de sofrimento e d lágrimas, nos circulos negros qu emmolduravam os seus olhos quas sem brilho. E ía notando, sobretudo as furtivas miradas que êle, a des peito da sua recusa ao meu convit para jantar, ía lançando ao meu res peitável e apetitoso bife.

Sem lhe dizer palavra, mande que lhe servissem jantar. O me amigo olhou-me com aquela gratida envergonhada dos que sofrem sin ceramente e, enquanto comia, des prendiam-se dos seus olhos negros deslizando contínuas e brilhante pelas faces maceradas, as lágrima mais amargas e mais pungentes qu

O meu amigo, no entanto, é un um exemplo perdido entre essa mu tidão interminável de seres humano que, como êle, sofrem silencios: mente, sem um queixume, sem un

Só quem vive afastado da vida entregue a cogitações egoistas, é qu não repara na fila infindável de sere humanos, que vai procurar na cas de penhores, o confôrto para o esti mago ou o pão para os filhos. Quan tas mulheres, embrulhadas num ca saquito modesto, com um chapéu c senhora a falar de melhores dias, e vejo entrar nessas casas de espec lação da miséria - chagas de un sociedade civilizada - sobraçano dissimuladamente um embrulho, con tendo talvez as mais preciosas reco

E eu vejo-as e sinto o seu sofr mento, porque o guardam no recan mais intimo de seu coração; porqu em vez de o manifestarem publica mente para especular a caridade de outros, o escondem receosas de qu a sociedade ingrata os ridiculariz com os seus implacáveis sarcasmo

Estes de facto, debatendo-se com naufragos, num mar de necessidade tendo como única tábua de salvaçã um ordenado miserável em troca c um trabalho insano, sofrem sincer

Pode de facto formar-se um para lelo entre estas vítimas que não s esquivam do trabalho árduo que de

C+ (Continúa na pág." seguinte

Agente em Castanheira-de-Pêra, José Coelho Junior

é possível verter-se. dações de família. e profundamente.

Males sociais

Por MANUEL ANAYA

O alcoolismo --

o cancio espiritual

«Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses». Mas quem tal escreveu não atentou em que duzentos e cinquenta mil dos homens que bebem vinho já se encontram alcoolizados e que setecentos e cinquenta mil dos que vão bebendo para benefício de umas parcas centenas se perderão também, caminhando todos da taberna para a prisão, da prisão para o hospital, do hospital para o manicómio, deixando atrás de si dois ou três milhões de seres incapazes para a luta pela vida.

Poderão, à primeira vista, parecer hipotéticos os cálculos acima; mas não são. Erro crasso, desumano é fazer ler a indivíduos semi-analfabetos frases que se lhes arreigam no espírito já propenso, por natural desígnio, aos narcóticos que dizem fazer esquecer por momentos as agruras da vida, porque não concebem, segundo Bias, que: «E' infeliz o que não sabe sofrer a infelicidade. E são dezenas de milhares de indivíduos, num país como o nosso, com pouco mais de sete milhões de habitantes, que enfermam de tão mal. Percorram-se todas as terras e tente-se uma estatística. O resultado será desolador, acabrunhante.

Pergunte-se quantas tabernas existem em cada terra; dirão:

— Tantas que não se chegam a encher com todos os homens e rapazes de cada uma dessas localidades.

E' confrangedor! E' indizivel o que se observa a todos os momentos! Que ninguém tente esconder a mais cruciante causa do desnivelamento social. Que ninguém vá dizer que o alcoolismo é factor de pouca influência na despersonalização de um povo. O alcoolismo destitui o homem de todos os preceitos cristãos, de todas as qualidades rácicas, de todos os sentimentos humanos. Torna-se razão subjectiva da depressão da inteligência, do depauperamento físico e da degradação dos sentidos, pervertor da consciência, indutor do crime, can-cro espiritual. Os pais cambaleiam, blasfemam, arruinam-se; as maes choram, arranham-se, quando nada têm para dar aos filhos; são alvo de maus tratos dos maridos. E os filhos são o malsinado fruto de todo esse estado anómodo: sujos, raquiticos, falhos de inteligência, tristonhos, medrosos. Pobres crianças! Amanhã serão como seus pais. A escola de hoje ainda não pode desviá-los da terrível senda de tal vício. E' forçoso tomar outras medidas para debelar o mal. A escola constrói durante algumas horas, mas a rua, a própria casa que a criança habita desmorona assustadoramente a obra da escola. Cuidar da preparação de filhos de tais pais, é ver por terra noventa e nove por cento do esforço dispendido na sagrada missão de formar es homens de amanhã. Sim, não é descabida a afirmação. Nas pequenas vilas e aldeias até a própria juventude se perde, trilha, logo desde os quinze anos, o mesmo caminho dos pais. E faz-nos doer o coração pensar que as criancinhas de hoje serão levadas amanhā para a taberna pelos irmãos

mais velhos, pelos próprios pais. E o mal tem cura. Já dissemos há tempo neste jornal, que tem a bondade de nos dar acolhimento, que

as tabernas podiam existir com o nome de casas de vinhos, para que vendessem os seus produtos à maneira dos demais estabelecimentos, isto é, para serem consumidos em casa com a mesma regra das outras coisas que servem para a alimentação. Vender se-ia, até, mais vinho, mas não produziria o terrível efeito que assim produz. Não se consentiria, assim, a permanência nessas casas, que hoje só se podem chamar escolas de vício. E os homens, aos milhares, se inclinariam para diversões de que só algumas dezenas fazem uso para passar o tempo de ócio. E estariam salvas de tão grande flagelo as crianças de hoje que serão os homens de

Não queremos deixar de apontar um exemplo frisante de como os adultos em pleno século XX-e muitos são dos que têm pretensões procedem quanto aos prazeres do alcool. Na terra onde trabalhamos, quando se realizava qualquer casamento, sentiam imenso prazer em dar vinho às crianças que se aproxima-vam da casa em festa. Mas davam de maneira a embriagar; e algumas vezes tivemos o desgosto de ver entrar na aula criancinhas cambaleando e vomitando pouco depois de se sentarem. Indagávamos: Estavam embriagadas. Conseguimos que as crianças da escola nunca mais aceitassem vinho; mas o costume perdura, agora, para aqueles inocentes que não têm a felicidade de andar na escola.

Que sentimentos os dessa gente! Pobres criaças, entregues a tais mentores pela vida fora! Que tristeza se apodera de um professor ao constatar que em redor da sua escola existem antros onde se desfaz todo o seu trabalho de anos!

Antiga história

ESTRADA BOLO-MEGA

Há assuntos que fogem da lembrança,

De vez em quando, folheando o nosso arquivo, salta-nos à vista êste ou aquele motivo, já cobertos pelo pó do esquecimento. Está neste caso a estrada Bolo-Mega.

Em tempos manifestou se certo movimento para que se lançassem mãos à obra, chegando-se a delinear a respectiva planta. Mas o entusiásmo do momento exalou o último suspiro como falena em tôrno da chama. Naturalmente por muita gente que viria a gosar de tal bem não atingir o valor da abertura da aludida estrada.

Diz-se, com certa razão:

«Castanheira-de-Pêra, sem a sua importante Indústria de Lanifícios, nada pesaria na balança dos centros úteis».

E' uma verdade bastante amarga que, por enquanto não força à réplica. Para que esta se desenvolva é necessário que as populações que do assunto possam alcançar partido, enfrentem uma atitude de especial in≥ ENSAIOS LITERÁRIOS ≥

DIA DE FINADOS

NTRE os 365 dias que o calendário nos apresenta, todos eles com a sua indicação especial, existe um consagrado à memória dos mortos—daqueles que para sempre desapareceram da superfície da Terra.

O dia dos mortos é, pois, um dia de recordação e de saudade por parte dos que foram seus entes queridos nesta vida. Neste dia, em todos os cemitérios, quer da cidade ou da província, se vêem multidões em romagem às sepulturas de seus queridos mortos, onde depõem flores e junto das quais fazem as suas orações.

Homens e mulheres trajados de negro, crianças de luto embora sem a verdadeira noção dos factos, todos rezam, e choram simultâneamente, numa enternecida saudade, em homenagem póstuma à memória dos seus, cujos restos mortais ali repousam silenciosamente.

Desde o espírito obscuro ao mais inteligente e sábio, do mais submisso ao mais arrogante e altivo, do mais modesto ao mais categorizado, todos ali tiveram o seu fim: um fim comum a toda a Humanidade. E nisto encontra justificação o velho adágio popular: «que no nascer e no morrer todos somos iguais».

Daqueles que outrora se orgulhavam pela posição que disfrutavam na sociedade ou pela sua formusura, resta agora, como aliás de todos os outros, apenas o pó e um esqueleto disforme, em espectro do que foram neste mundo de vas ilusões.

Orgulhos, paixões, vaidades, tudo ali acabou para semre.

Perante a realidade inequívoca de tais factos nós ousamos obscuramente perguntar para que servem e em que se fundamentam a vaidade humana, os caprichos e teimosias, as exigências desmedidas, e tantos outros factos que caracterizam a vida do homem, se todos — todos, sem excepção alguma — estamos por natureza própria condenados a tão trágico fim?!

Levantam-se questões, formam-se conflitos, fazem-se por vezes até mortes, por meras ganâncias materialistas donde possam advir comodidades para os seus autores, esquecendo-se por completo os

mais elementares princípios de consciência e de moral!

Se é tão curta a nossa existência nesta vida porque não havemos pôr de parte todos estes defeitos que deturpam e enxovalham a

mos pôr de parte todos estes defeitos que deturpam e envovamam a nossa dignidade de consciência, procurando antes enveredar por caminhos rectos e claros que nos conduzem a fins nobres e honestos a todos os títulos?

Moderemos as nossas exigências e caprichos e dentro desta concepção diligenciemos no sentido de conseguir uma fraterna união e uma verdadeira harmonia entre todos, tornando-nos dignos de nós próprios, convencidos de que não vale a pena tantas questões e mal-querenças por dois dias que havemos de viver.

Dia de finados — mais uma vez se comemorou este dia. Logo ao romper da aurora os sinos da Igreja, a exemplo da noite precedente e em obediência a velha tradição, dobraram a finados, entristecendo dêste modo o ambiente com as suas cadenciadas e monótonas badaladas.

Grande número de fieis dirige-se ao templo onde vai assistir às missas de fieis defuntos que ali se realizam.

O dia é de meditação e recolhimento, pelo que se nota nas

ruas um desusado sossêgo.

Durante o dia se deslocam inúmeras pessoas em piedosa romagem aos cemitérios, sobraçando ramos de flores com as quais ornamentam as campas daqueles que ainda perduram na sua saudade.

Após este sentimental acto as almas sentem-se deprimidas pela dor da saudade que lhe veio avivar mais ainda, mas satisfeitas por haverem cumprido um dever em memória dos seus sempre inolvidáveis defuntos.

Coentral, 5 de Novembro de 1946.

ALVES BARATA

terêsse, pugnando pelos seus legitimos direitos, mesmo que tenham de avistar-se com os representantes do Govêrno da Nação, sempre disposto a atender quem reclama dentro do bom senso e da justiça.

Aos interessados que nos lêem aconselhamos mais acção para produzirem obras.

Não é de braços cruzados, numa vénia de «muito bem», que as vontades ganham vulto para servirem necessidades que de há muito deviam estar remediadas.

Não será tempo de se experimentarem energias, alicerçadas na boa-vontade de cada, que levem a solução satisfatória?

Acordem do sono enlevador que a esperança embala, e venham para o campo da REALIDADE!

Papelaria Reis

Reis & C. em C. ta

Papel e cartão de todas as qualidades Objectos para escritório e brindes Tintas de óleo. Aguarelas. Etc.

150, Rua das Flores, 160 PORTO

Telefone: 1-6-9-5 /// Teleg.: PENCIL

7360 \$00000000 @300037300000

A PEQUENA IMPRENSA

A sua pavorosa crise e

O Castanheirense

A toda a hora, num rebate afletivo, os órgãos da chamada Pequena Imprensa, soltam S. O. S. para que lhes acudam entre a borrasca que os envolve num desencadear assus-

De acolá, é o mensário bem lançado, cotado na consitador. deração dos seus amigos e assinantes que buzina, receando encalhar nas areias da dificuldade; de mais além, quase à deriva, pede socorro o semanário, com «água-aberta»; de mais longe silva a «sereia» do quinzenário na iminência de chocar com o recife, e, muito perto, o temoneiro do tri mensário, segura heróicamente o leme, por recear navegar entre a bruma que não permite enxergar porto seguro . . .

E' assim, mais ou menos, o presente panorâma dêstes ousados navegantes que fazem parte de valentes equipagens, que num mar «picadissimo», nesta noite de incertezas, procuram, ansiosos, o rumo consolador da Estrêla do Norte...

Quem lhes acode? Na praia de vendaval que varre, apenas se erguem lamentos, olhando-se as embarcações que vogam entre mil perigos, com lábios a murmurar : «Que Deus lhes valha!»

E o naufrágio?

Se se consumar o naufrágio as equipagens audaciosas ficarão salvas, sôbre a crista alta da rocha da Civilização mas as embarcações de flámulas beijadas pela brisa do Progresso, afundar-se-ão no profundo mar da indiferença...

÷ ÷ ÷

A Pequena Imprensa — está dito e redito — não convem a determinadas camadas que, ridiculamente, se baptisam de sociais... O patriótico papel da Pequena Imprensa não tem sido encarado a sério por aqueles que dela dependem... A Pequena Imprensa tem sido considerada, por homens de senso ... e sem senso ..., como ordinário reportório de improvisado Saragoçano!!

Êrro! Crime!

A Pequena Imprensa reproduz brilhantíssimas páginas, dignas de arquivo de oiro. Ergue a sua voz pela Moral. Luta, renhidamente, pelo levantamento do burgo que representa ou da região que defende. Luta, sim, sem mira na moeda sôbre aquele balcão... A Pequena Imprensa vive à sua custa, sem ocasionais instantes de aproveitamentos . . . - Vive, mas vive, independente das imposições de potentados que requerem a defeza dos seus fabulosos lucros.

A Pequena Imprensa é pura como aquele fluxo de água

cristalina que sai do ventre da rocha.

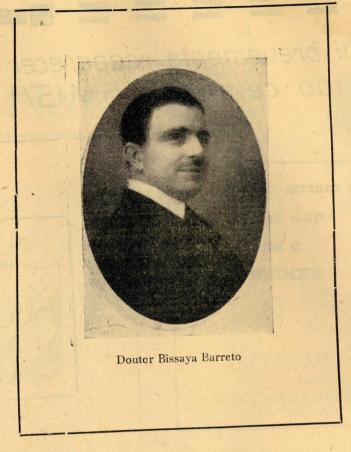
A Pequena Imprensa é Digna, é Nobre!

÷ ÷ ÷

Mais ou menos, navega no mesmo rumo «O Castanheirense», embora conte a seu lado uma boa dúzia de subscritores zelosos, de amigos devotados e de admiradores cônscios.

O nosso jornal tem singrado com certo desafôgo. Na mesma rota avançaria se de minuto a minuto as matérias--primas de que é composto não crescecem de prêço — passando a altura do gigante Golias. Assim, defronta-se com duas barreiras difíceis de transpôr: O aumento contínuo do custo de papel, tintas e mais material. A agravar, o reduzido prêço por que o nosso jornal é fornecido ao público que sabe lêr... Não estão em paralelo. Não se apróximam, sequer, uma da outra. Neste aspecto, a Administração de «O Castanheirense» — que nunca almejou lucros com a manutenção do seu periódico vê-se na contingência de aumentar à sua assinatura. Passará o número avulso a \$70 e o trimestre a 8\$40. Aumento êste que virá benificiar com boa cifra o ordenado de todo o nosso pessoal.

Não lamuriamos benevolência dos nossos prezados subscritores. Estes, dentro da inteligência e merecida compreensão, darão passo ao nosse encontro, para nos acompanhar na marcha triunfal: PELO REGIONALISMO!



Homens **Ilustres**

()rgulhamo - nos em prestar esta tão singela homenagem ao Casta nheiren se Ilustre, Ex." senhor Doutor Bissaya Barreto prestigioso Homem de

Ciência que imprime a todas as suas realizações o traço inconfundivel do saber e do dedicação. Sua Excelência foi recentemente convidado a coadjuvar no Hospital-Asilo, a construír em Oliveira-do-Hospital, a instalação de um núcleo modelar de assistência à Mãi e à Criança. O scnhor Doutor Bissaya Barreto não hesitou em acrescentar ao seu trabalho insano de todos os dias, mais o encargo moral que daquele convite lhe advem.

Bem haja o eminente Professor pela sua anuência, em colaborar na solução da assistência materno-infantil, no concelho de Olivera do-Hospital, pelo que pode representar para o futuro das mãis e das crianças necessitadas daquela região.

José Bebiano C. H. Silva I

ADVOGADO

Castanheira-de Pêra

A's segundas-feiras em FIGUEIRÓ-DOS VINHOS

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1ª Clinica de Oftalmologia do Dispensário Policlinico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

> Doenças dos Olhos Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º D. (Rossio) Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas às 17 horas, excepto as 5.48

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS Rua Ferreira Borges, 162, 2.0

(A PORTAGEM) Consultoria 3039

Telefones: Residência 3500

COIMBRA



José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.º Telefone: 2 3923 - LISBOA

Terra de Trabalho e Oiro

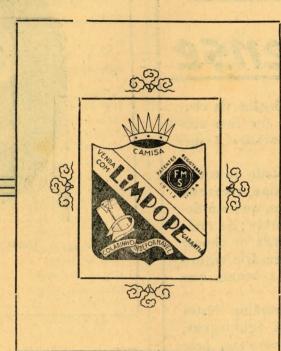


Um aspecto da «Casa da Criança Rainha Dona Leonor»

Vai brevemente reaparecer a tão célebre CAMISA

'Limpope"!







Marcas que se impõem pela sua qualidade, honrando a Indústria de Camisaria Nacional: «Dália» e «Limpope»

FÁBRICA DE MALBAS DA SÉ. L. DA-Lisboa

Em Castanheira-de-Pêra, à venda no estabelecimento de José Coelho Júnior

后的是是是是是是是是是是是是是是

000

FÁBRICA DE MUHGOS

DE

Francisco Roque da Costa Júnior & Filhos, L.ª

CASA FUNDADA EM 1908

TELEFONE: 386

tom motadie c and a d p a

APARTADO 46

COVILHÃ

Especialidade em MUNGOS carbonizados tintos e em côr natural

Artigos finos em todos os tons Algodões em tom natural e côres

Preços de concorrência

Boa execução

Banco Espírito Santo

班由市市市市市市市市市市市市市市市市市市市市市市市

Comercial de Lisboa

Capital realizado . . . Fungos de reserva . .

80.000.000\$00 **81**.000.000\$00

Lisboa

Dependências urbanas:

Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

Filiais e Agências:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã, Ponta Delgada, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Tôrres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Montemór-o-Novo e Vila Franca de Xira.

Todas as operações bancárias

图书书书书书书书书书书书书书书书书书书书书书书

((Està a arder a ((Casa da Criança!))

Naquele fim da tarde, depois do toque de «avé-marias», o silêncio da Vila foi cortado por gritos aflitivos que enervaram uma população inteira, aclimatada ao frequente sossêgo de povo ordeiro, aferrado ao trabalho, que muito se enleva, em horas vagas, na picante censura da vida alheia—inofensivo entretenimento, tão preferido em terras de reduzido âmbito.

O alarme, de princípio, foi dado com frouxidão; depois, com terror...

O vento que passava com certa pressa levava, nas asas do éco:

«Está a arder a «Casa da Criança»!

Foi a erupção, rápida, de um vulção!

O povo, no seu máximo número, abandonou afazeres e recreios, para se empenhar numa luta gigante, sôbre labaredas de retorcidos efeitos que se adelgaçavam nas alturas, colorindo painel de surpreendente efeito, com recortes, no fundo escarlate, da igreja paroquial.

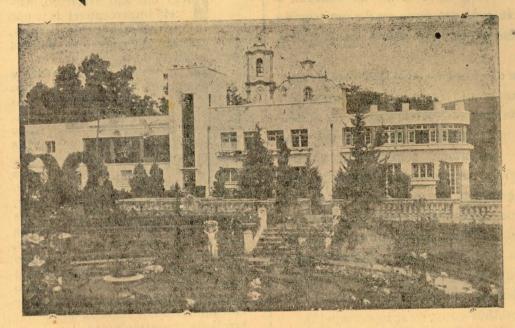
«Um, por todos! Todos, por um!»

Bradava a alma da gente da nossa terra. E crianças, aflitas, nervosas, chorando comovidas, explicavam com lágrimas de inocência a sua inquietação pela suposta fatalidade que ameaçava destruír o ninho de muitas. Homens, resolutos, desprendiam-se da sua categoria; dos seus coçados fatos, para se encontrarem com a labareda atrevida. Não se distinguiam classes sociais: médicos, operários, empregados de todas as feições, carregavam o mais completo sortido de vasilhas com água, na louvável acção de dominarem o incêndio.

Olhávamos a multidão heróica que defendia, estoica, um dos Padrões mais majestosos desta Pátria de Coração Aberto. Quedámo nos no lombo de um barranco a fazer a análise da alma do Castanheirense e quantos— estranhos ao torrão— a acompanhavam num poder de abnegação admirável, na extinção do fogo!

Aquele fervilhar de seres com faces modeladas pelo desespêro, despertou-nos admiração, a ponto de arquivarmos no acanhado bloco de notas do nosso pensamento, isto:

As classes, na presença da tragédia, desconhecem élites!



Descansem! A «Casa da Criança» ficou incólume!

Só ardeu, por intantes, a alma da Castanheira!

. . .

O cronista esclarece:

No dia 15 de Novembro do ano findo manifestou-se incêndio no barracão de arrumos daquela modelar instituição. O sinistro alcançaria consequências funestas se o vento soprasse forte do lado sul. Madeiras sêcas, lenhas em depósito, alimentariam a ferocidade da labareda.

O pronto auxílio de populares, revestido de presteza e, até de arrôjo, nada assegura em emergências de tal aspecto — a não ser o encadeamento de palavras de louvor que morrem passadas horas...

E' necessário que a Digna Câmara Municipal trate dêste caso de INCEN-DIOS a sério — muito a sério mesmo,

Não temos informação oficial, mas lemos num nosso colega que o Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios propôs que fôssem concedidos subsídios a corporações de bombeiros, o que obteve a sanção dos srs. ministros do Interior e subsecretário de Estado de Finanças, cabendo a Castanheira-de-Pêra 50 contos. E' um bom prenúncio para a caminhada.

Naquela última ocorrência tivemos o desgôsto de verificar que TUDO FALTOU para se debelar, ao menos, uma suposta catástrofe. A própria mangueira municipal espécie de relíquia para determinado uso—coitada, espirrava por todos os os lados, em consequência de gripe maltratada...

Um povo, como o nosso, não deve estar à mercê — melhor — confiado na protecção de qualquer companhia de seguros. Estas, sempre dispostas a cumprir, não são responsáveis pela completa destruição de prédios, e, muito menos, por desastres pessoais.

Se há quem pode segurar a sua propriedade, haveres, a vida... até, há também quem mal pode pagar o aluguer de casa.

Nestas colunas já nos esforçamos pela criação de um Corpo de Bombeiros. Então, escrevemos:

Está mais que demonstrado, com

.

à evidência dos factos, que não basta a solicitude dêste ou daquele que na hora do perigo, comparece disposto a sacrificar-se.

Por êsse país fora, num desbobinar crescente, avolumam-se os acontecimentos de lamentáveis incêndios que lançam na miséria tamílias intei-

Na maioria dos burgos repetem-se tais desastres pela confiança que
cada um deposita em si próprio. A'
voz de alarme, sucedem-se cênas de
flagrante humanismo — como aquela
acima descrita — mas que em nada
remedeiam a segurança de vidas e
de haveres.

Castanheira-de-Pêra não tem razão alguma para se arrimar ao bordão da inditerença, conservando-se à mercê do perigo, como se dentro da sua área não houvesse existências preciosas, prédios de valor, estabelecimentos fabris que a classificam como o terceiro centro da indústria de lanifícios do país.

Se numa hora fatídica o desastre vulgar que se domina com dois ou mais centos de baldes de água, se transformar num brazeiro calcinante e devastador, de nada servirá o esfôrço popular, embora se levante a onda alta do arrôjo, com feitos de valentia.

Olharemos, desolados, para um montão de escombros fumegante, e respeitosos para o vulgo heróico, que viu sem êxito os seus abnegados esforços.

• • • •

Confia-se nos socorros que moram fora de portas, a uns trinta e quatro quilómetros?

E os imprevistos?

O Concelho possue recursos, mais que suficientes, para organizar e manter um Corpo de Bombeiros!

A Ex.^{ma} Câmara, envidando esforços neste sentido, muito de bom e útil pode realizar. A iniciativa particular, secundando-a, completará essa magnífica obra humanitária.

Depois de adquirido o necessário e moderno material não faltarão elementos para o manejarem convenientemente.

Existem nesta Vila moços que cultivam o desporto — atletas de perfeita eonstituição física — operários de boa-vontade, que constituirão um ágil e prestante Corpo Activo, capaz de enfrentar as situações mais dificeis, quando vibrar a sineta do seu



Casa das Gabardines

NESTA Casa encontrará V. Ex.ª o maior sortido do Centro do País em gabardines das acreditadas marcas LUSA e MADEKAR e bem assim os mais recentes padrões de LANIFÍCIOS PARA HOMEM E SENHORA.

Envian se amostras para A PROVÍNCIA

Carvalhos, L.da

Rua Ferreira Borges, 11
TELEFONE: 3 737

COIMBRA

quartel num convite de presença do Soldados do Bem que levarão o ses rápidos socorros até aonde forei necessários.

Sentirá orgulho êsse punhado d mancebos, inteligentemente coma dado, ao vestir a sua farda azul, co o seu capacete metálico a flameja ao Sol da Civilização, erguendo be alto o lema que não divide fronte ras e não distingue políticas — o s grado lema, criado na mais sublin doutrina social:

«Vida por Vida!»

Escrevemos isto há um ano se que a situação tenha sofrido alteração «Tudo como dantes, em Abra tes»

Será necessário que indiscritív tragédia enlute a nossa terra, pa se tratar A FUNDO dêste mome toso assunto?

Para os críticos às intenço dêste artigo, esta tirada:

Sabemos que Bombeiros e s material, num acidente de desmed das proporções, representam — p impossibilidade de ataque — apen figuras de corpo presente. Mas ev tam a confusão, e, quando be orientados dominam os ânimos amainam a catástrofe.

Deve olhar-se de frente para problema de Serviços de Incêndi

nesta Vila

Não é na hora suprema do peri que se resolve a salvação dos hay res de quem se defende com a par paga do seu trabalho. De quem labu dia-a-dia pela conservação do s lar, sem proventos para chegar regalia de fazer arder a cama que aconchega ou a cosinha de onde so seu alimento, por entender que companhia seguradora lhe recor true a vivenda, mobilando-a énoca.

Marque-se uma decisão acerta

Sandação



Mais um aniversário comemora «O Castanheirense» na labuta da Publicidade, tão cheia por vezes de escolhos e vicissitudes que demandam grande fôrça de vontade a quem tal se arroja, na defesa de um povo ou de uma região de povos, tora de interêsses que não sejam os do bem comum.

Quem acompanhasse a leitura de «O Castanheirense» desde a sua fundação, decerto que havia de verificar que o seu intuito foi sempre o de engrandecer a Região da Ribeira de Pêra — centro dos mais importantes do nosso país, em matéria de lanifícios — pugnando sem vacilar por um nível de vida mais desafogado, para todos que ali trabalham.

Neste sentido verifica-se com prazer que, os dirigentes dêste jornal, apesar de contrariedades de vária ordem que por vezes se antepõem aos seus desígnios, nunca desfaleceram e têm sabido conduzir o jornal na senda da publicação, cada vez com mais ardor, na intenção bem nítida de orientar os povos da Região, desbravando-lhes o cérebro, afim de os tornar credores de melhor consideração e respeito.

Dêste modo, e na qualidade de conterrâneo, na entrada de «O Castanheirense» no seu XI aniversário, cumpreme apresentar saudações fraternais aos seus dignos Directores, bem como ao restante pessoal que nele trabalha, desejando a todos um futuro cheio de venturas, para bem se desempenharem da missão a que tão dignamente puzeram ombros.

MANUEL NUNES

COlégio

8888

88

MARQUEZ de POMBAL

POMBAL

Telefone: 50

ALVARÁ n,º 338

Instrução primária (Sexo masculino)

Curso completo dos liceus (Ambos os sexos)

THE PERSON NAMED IN COLUMN 1 STREET, S

m favor dos que se encontram enegues a si mesmo, num permanente
contacto com a miséria, se uma hora
e fôgo se desencadear no seu camiho. Os SEGURADOS que olhem
ara os que só possuem cabana e
mor. — segurando com um Corpo
e Bombeiros o pouco que têm.

Por aí fora, qualquer aldeola susnta, com brio e zêlo, a sua corpojação!

Porque não se ensaia, entre nós, ma imitação?

Imitar!... Imitar é honroso, ando copiamos quadros revestidos e NOBREZA de ALMA e de [UMANIDADE!

AUSTO DE MEIRELES



Pérola Portugália Aviz



As melhores marcas de

CERVEJA



Continua na agenda...

De ano para ano

MAIS um ano decorrido, parcela imperceptível de tempo na passagem dos séculos, mas unidade apreciável na detença que temos no nosso planeta.

1946 foi um ano óptimo para os que viram sua situação económica melhorada até ao surpéfluo; mas para a grande maioria da Humanidade foi mais um mau e até péssimo ano, em que se continuou a viver de sobressaltos e incertezas, em que a carestia da vida atingiu augue nunca esperado, em que no dizer dos trabalhadores não se ganha para comer.

balhadores, não se ganha para comer.

Em vez dos dias melhores que esperávamos há um ano, vieram dias piores e até, por mais de uma vez, surgiu ameaça de outra conflagração que tudo e todos arrastaria para o abismo. Felizmente que êste perigo parece arredado, graças a um melhor entendimento dos homens que têm

tarefa de organizar a paz.

Castanheira - de - Pêra ainda não
viu, em 1946, o bairro de casas económicas nem o edifício dos correios,
melhoramentos que «O Castanheirense» tem debatido com entusiástico

Pedrógão Grande não viu o aproveitamento hidro-eléctrico no Cabril do Zezere, nem a tão desejada estrada do Cabril, melhoramentos essenciais para saír do marasmo em que tem vivido.

A freguesia da Graça ainda não viu concluída a estrada Pinheiro do Bordalo-Ponte da Bairrada que lhe traria vida nova e novos elementos de progresso e riqueza. Muitas outras terras aguardam a realização de suas aspirações. O que ainda não foi realizado continua na agenda, como se diz agora na linguagem das conferências internacionais. E como Roma e Pavia não se fizeram num dia, temos de ir esperando.

A Pequena Imprensa independente viu, em 1946, agravar-se situação que nos últimos anos vem caminhando mal. «O Castanheirense» foi atingido por uma inesperada atitude separatista, mas manteve, e até melhorou, seus serviços, sua expansão e bom conceito em que é tido por numerosos amigos.

Façamos votos por que 1947 traga melhores dias para os desprotegidos da fortuna e que «O Castanheirense» nos anuncie o estabelecimento definitivo da paz entre todos os povos do Mundo e nos dê muitas notícias de melhoramentos e progresso na região de que é porta-voz.

Finalmente, que directores, redactores, pessoal das oficinas, assinantes, anunciantes, colaboradores e amigos de «O Castanheirense» venham a ter saudades quando findar o ano que agora começa.

DAVID CALADO

PRECISA

Papéis de carta, impressão, escrita e embrulho; sobscritos, sacos de papel ou artigos e escritório? Dirija-se a

M. Alves Sereno

Terreiro de Santo António, 6 COIMBRA

Agente e Depositário da Casa

Dominguez & Lavadinho, Limitada
DE LISBOA

A gratidão

Tudo no Universo está disposto de tal forma, que os seres e as coisas, ainda mesmo a matéria bruta, tendem para o aperfeiçoamento. Só quem não quizer ser razoável não verifica essa manifesta propensão, que afinal é a consequência lógica de todos os esforços conjuntos, é o rezultado natural da escalada de toda a criação ao grande monumento da Vida e do seu porquê, através do rodar infindável dos séculos, desde o princípio do mundo.

Lembremo-nos que o Homem era o animal selvagem, quase feroz, de aspecto brutal, de faculdades superiores quase nulas. A sua voz era gutural, a sua linguagem eram gritos inarticulados. Hoje o Homem é um modêlo de beleza, onde a Natureza pôs todas as suas possibilidades de perfeição e de progresso, inteligente, bom, consciente e com domínio próprio, que é o mais importante.

Quem o impeliu na senda do progresso, quem o aperfeiçoou? Não o sabe, encontrou-se assim mesmo, obra do mesmo Universo em que vive e de factores que ainda não pôde penetrar a que grau após grau, de passo em passo, mercê da consciência, acabou por ser obra dêle mesmo. Ele apura a raça dos animais com que vive, enxerta e aper-feiçoa as plantas e as raízes de que se nutre, embeleza as flores e os frutos, torna melhores os animais. Sabe que arando a terra, adubando-a e preparando-a, seleccionando as sementes e oferecendo-as à terra em datas adequadas, obtem boas colheitas e produtos de melhor qualidade.

Tomando o exemplo vivo da terra, cultivou o próprio coração e lançou nele as sementes melhores que conhece em si mesmo: a Bondade, a Justiça, a Abnegação, o Amor. E por um processo natural de evolução, essas sementes germinaram e frutificaram e assim o homem entrou num ciclo de aperfeiçoamento em que êle passou a ser simultâneamente o agente, o objecto e a resultante dêsse esfôrço para a perfeição. Esse ciclo fechou-se e é dentro dêle que tôda a vida do Homem hoje gravita, em alternativa de amor e de ódio, que é o Passado. O Homem animalesco tenta, por vezes, triunfar do Homem «humano» que a consciência e razão não deixam sucumbir.

Foi assim que o homem cultivou no coração as flores mais belas da moral e do espírito, dentre as quais sobressai a da Gratidão. O Homem que cultiva a Gratidão trás em si um dos sinais mais evidentes da evolução e do seu avanço na Natureza. Os próprios animais são gratos e sabem patentear a sua gratidão. Quando um ser reconhece um benefício prestado e se sensibiliza por êledemonstra inegávelmente a existên, cia e o progresso de uma consciência, seja ela rudimentar ou desenvolvida. É tantas e tão variadas são as formas de expressão a que ela pode recorrer.

Por isso é imperdoável que tantos homens tenham ainda sòmente em germen o divino atributo da gratidão, permitindo que o seu passado animalesco suplante tantas vezes o seu presente de humanização.

Todavia, para que o homem cultive em si a semente da Gratidão, necessário se torna que haja à sua volta estímulos ou motivos para a sua existência. Os homens e os povos que nada têm a agradecer nem a si nem aos outros, são, naturalmente, homens e povos em decadência, por-

Homens Hustres

Doutor Eduardo Senriques Sa Silva Correia

Numa época em que o elogio é usado até ao desbarato, sem curar de se saber se é ou não devido, prestar homenagem a quem justamente a merece nem sempre é tarefa fácil. Na verdade, é tão frequente vermos enaltecer, levando-as quase ao fastigio da glória, certas pessoas que outros títulos não têm senão os que a si próprias se arrogam, que muitas vezes não se consegue saber onde acaba o joio e começa o trigo. Há, porém, nomes que não se confundem; que valem só

por si; que dispensam qualquer espécie de apresentação.

Nomes que, para se homenagearem, mais não é necessário fazer

E'o caso do nosso querido Amigo e Ilustre Conterrâneo senhor Doutor Eduardo Henriques da Silva Correia. Um novo ainda, o Doutor Eduardo Correia ocupa já hoje lugar de relêvo nos meios universitários, e o seu talento, a sua tenacidade, o seu incontestável saber, a sua comprovada honestidade são penhor seguro de que o nome do actual Pro-fessor da Faculdade de Direito de Coimbra virá a ecoar um dia para além do Magistério. Honra-se «O Castanheirense» publicando neste seu número especial a fotografia do Doutor Eduardo Correia.

Ao prestar-lhe esta singela mas sincera homenagem, nada mais quer do que interpretar o muito aprêço em que o têm os seus conterrâ-

neos e a multa simpatia de que goza nesta casa.



Doutor Illisses al. Cortez

Deputado à Assembleia Nacional o senhor Doutor Ulisses Cruz Aguiar Cortez, é também Director Geral do Ministério da Justiça.

Advogado de renome in-confundível é um competen-tíssimo elemento da obra patriótica desenvolvida pelo Es-

tado Novo.

E' com íntima satisfação que «O Castanheirense» rende homenagem a sua Excelência, que orgulha a terra que lhe serviu de berço e honra a Pátria que lhe aproveita os dotes de talento e de ardoroso tra-

Doutor Fernando Lacerda

Este distinto médico oftalmologista partiu para a América-do-Norte, onde vai frequentar, durante alguns meses, os mais importantes centros clínicos da sua especialidade.

Constituiu brilhante e vincada demonstração de aprêço aos dotes intelectuais e humanos do Dr. Fernando de Lacerda, o jantar de homenagem que os seus amigos lhe ofereceram em Lisboa, no qual tomaram parte vultos das altas camadas sociais, usando da palavra figuras de destaque que colocaram em relêvo as qualidades profissionais e de trabalho do senhor

A Sua Excelència deseja «O Castanheirense» novos triunfos e breve

Doutor Fernando de Lacerda.

regresso.



CRÓNICA DA ALDEIA

Carta aberta ao Turista.

Senhora ou senhor Turista:

Anda pelo País fora o calor abençoado do prestígio e da trans mação. Fala-se, «pelos cotovelos», em realizações de Turismo apor do-se regiões, locais, altitudes, consideradas como de «bom tom». I isto porque senhor Turista, «acima de tudo, é um esfomeado de pitore um caçador de coisas diferentes, de novas sensações e visões».

Arquitectam - se « pousadas » , «hoteis», «estalagens», recantos onde o encantamento viva. Procura-se a paisagem mais sugestiva, mais forte, mais colorida, a espelhar ao Sol — pintor incomparável. Gastam-se ideias que abrangem

terrenos, traçando edificios de certa sumptuosidade, que depois passam a guarnecer o escrínio das desi-gnadas «Zonas de Turismo»

Daqui, da minha aldeia, apoio com vivo entusiásmo iniciativas de tamanha grandeza, que convividam estrangeiros, e, portugueses, que não devem ignorar a sua terra.

Li, com certo enlêvo, que em Castanheira-de Pêra vai ser construído um dêsses modernos edifícios destinado a hospedar o viajante que passeia.

Através daquelas linhas sensacionais, o meu espírito de beirão ficou um tanto ou quanto preocupado, perto do receio que fará va-cilar o senhor Turista ao pretender visitar a nossa terra, pelo facto de apenas estar em gestação o almejado Hotel.

E, nessa preocupação, venho informar o senhor lá de fora, que quere recrear-se, que em Castanheira-de--Pêra existem belíssimas pensões, nas quais pode permanecer rodeado de confôrto.

Há, e do bom, senhor Turista; Pode vir sem receio, quando muito bem entender. Pode encetar as suas digressões por esta privilégiada Região, na certeza de encontrar comodidade e bom repasto.

Numa das entradas da Vila, em mejestoso prédio que mira formoso cenário, encontrará aliciente «pousada» de selecta convivência.

Mais para cima, no coração da Castanheira», também se abrem portas francas que primam no bom acolhimento. São, de verdade, três «pensões» de digna categoria.

Pode vir. senhor Turista!

Isto é belo! Apróxima-se a quadra das monumentais apoteoses da Natureza que nesta Região, são recamadas de músicas e de côres.

Queira entrar, senhor Turista! Embora não exista, ainda, o vosso «hotel» tem vocelência «pousadas» dignas de um burgo civilizado, franco, hospitaleiro.

E quando a vossa luxuoso «hospedaria» vos oferecer bem-estar e mesa farta, então não falará... o vosso desconhecido

Serrano

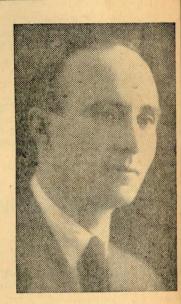
Escola de Instrução «AUTOMÓVEL»

TODOS os TIPOS de VIATURAS CARRO COM DUPLO COMANDO Juvenal Amaro Ramos

> Rua Francisco Viana, n.º 6 LOUZA

Ghamadas para o telefone n.º 9-2-2-0

Trata de documentações junto da Direcção de Viação Presidente da Comis Concelhia da U. Nacio



Dr. José Fernandes de Carvalho

Ilustre Sub-Delegado de Saúde ei I sidente da C. C. da U. N., é dotado forte iniciativa posta à prova pelo l da Terra-Natal A S, Ex.* expressa votos por que goze um Novo Ano fo

Dr. José Bebiano Cor



Publicando o seu retrato, sign «O Castanheirense» ao ilustre José Bebiano Correia Henrique Silva, o muito aprêço em que o te presta ao distintíssimo advogad homenagem que lhe é devida c um dos mais ilustres filhos desta t

«HATURA»

Revista de Saúde e Cultura Soci com elevado desassombro, comb erros, vícios e preconceitos em que

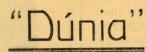
O seu número do corrente m Janeiro melhorou bastante no a gráfico, matéria cultural e aumen

A sua Redacção e Administraça talam-se na rua Heróis de Quinga, a Lisboa-N.

"Dúnia"

É O EXCELENTE ARTIGO DA MAIS FINA INDUSTRIA DE CAMISARIA LANÇADO NO MERCADO POR

Gonçalves, Lima, L.da



Aguarda as presadas ordens dos Cavalheiros que preferem CAMISAS DE BOM-TOM na sua Casa, à

RUA DE SANTA CATARINA, 391-2.º

Telefone: 4329

PORTO

Telegramas: «Dúnia»

ALBERTO DA ENCARNAÇÃO COELHO

Fábrica de Lanifícios

TELEFONE 12

Castanheira de Pera

Alfredo Correia

Fabricante de

LANIFICIOS

CASTARBEIRA DE PERA

TROVISCAL

Fábrica de Xaropes e Licores (Instalada na antiga Adega Olímpio)

Pompeu Coelho

Torrefacção de Café

000000000000

Moagem Eléctriea

GINJA

Especialidade Torrejana

Os produtos desta casa não teem rival

TORRES HOVAS

Manuel Alves Barata

FÁBRICA

DE

Meias. Peúgas e Luvas de Lã

Castanheira de Pera

COENTRAL GRANDE

CHARKER K K KKKKKKK

Barros, Antunes & C.ª

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS



SAFRUJO

Castanheira de Pera

Telefone 23

Benemérilos que não olvidamos





Viscondes

de

Nova Granada





«Recordar é viver».

Escreveu a caneta vernácula de um grande pensador.

Recordando . . . aviva-se o que o tempo tentou apagar na sua passagem destruidora ou na sua acção de renascença . . . Se esquecimento ou a ingratidão arrumam para o canto da indiferença quantos deixaram neste planeta o vinco forte da sua existência, não olvidamos nós nomes de Filantropos que deixaram nesta meia dúzia de palmos de terra portuguesa, obras de edificante valor moral e humanitário.

José Alves Barreto e sua Esposa (Viscondes de Nova Granada) que em S. Paulo, Brasil, adquiriram enorme fortuna com o poder da sua iniciativa, trabalho bem conduzido e honesto, dotaram Castanheira-de-Pêra com dois monumentos dignos da sua alma de eleitos: Hospital da Misericórdia e Escola Primária, além da captação de águas não só para abastecer aquele primeiro estabelecimento hospitalar, como para o público.

A nossa Vila orgulha-se de possuír um modelar hospício e um edifício de ensino de bem lançadas linhas, construídos em dois locais amplos, usufruindo de bons ares e de horizon-

tes largos.

Os inconfundíveis Beneméritos ordenaram a erecção destas importantes Obras que perpetuam seus Nomes, com inteligência cercada das mais nobres intenções. Elas aí estão convertidas em realidade, a mostra o valor desta palavra: Humanidade!

Os inolvidáveis titulares baquearam ao sôpro traiçoeiro da Parca, descansando eternamente no seu mausoléu do cemitério da Castanheira. Honra à sua memória!

Mas não se tem tratado convenientemente de tão importante doação. Hospital e Escola Viscondes de Nova Granada necessitam de urgentes reparações, para que não se murmure de suposto desleixo:

Ontem ... o brio, a fôrça de vontade, a alma humanitária! Hoje ... olhos que não querem vêr a demolição das intempéries—cancro do estrago que não respeita madeira nem granito.

Que os que zelam aqueles tesoiros — Hospital e Escola — nos perdoem, envidando ao mesmo tempo esforços para que se evite a sua completa ruina.

JOSE ANTUNES DOS SANTOS

Casa especializada em Chá e Café

Cafés, lotes especiais desta casa, cacau, chocolates, rebuçados e especiarias

94, R. Poço dos Negros, 96 TELEFONE: #6-3-9-1-1 — LISBOA;

que o que não semeia não colhe e o que não dá não pode receber. O que pára, não progride, antes tende a retrogradar. A Gratidão é sempre o produto do dinamismo do Bem: um benefício praticado e recebido.

Ai dos povos que na sua história social e política não encontram estimulos de Gratidão nas diversas esferas da sua vida nacional a unificálos. Estão à beira da desagregação, condenados ao individualismo egoísta.

A Gratidão é um elemento de Progresso e uma consequência do bem activo. Para que o Progresso Universal se verifique, é mister que os homens progridam, impelidos pelo Bem e pela Gratidão.

Alsácia Fontes Machado

Manuel Henriques dos Santos NASCIMENTO

CASA FUNDADA EM 1907
Telefone: 18

Castanheira-de-Pêra

69

Estabelecimento de Fazendas, Miudezas, Perfumaria e Papelaria

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Correspondente dos Bancos:

Banco de Portugal; Aliança; Borges & Irmão, Lisboa; Credit-Franco-Portugais; Lisboa & Açores; Espirito Santo e Comercial de Lisboa, Português do Atlântico, e Pinto & Sotto Mayor.

Casas Bancárias:

Fernandes Magalhães, L.da, Porto José Henriques Totta, L.da, Lisboa Piano, Pereira & C.º, Lisboa

Depósito de: Tabacos da «Tabaqueira» e Anilinas «Ciba».

SEGUROS em TODOS os RAMOS

Agente do «Diário de Notícias»

Fábrica de Meias, Peúgas Tapetes e Carpetes de Lã

DE

Manuel Carvalho

(Casa fundada em 1920)

DUA 4- GAGANUDA CADDAI

RUA de SACADURA CABRAL

Telefone: 9-2-6-3

LOUSÁ

INGEÓRIA MISSÃO

Por R. Laranjeira

Na marcha infinita dos séculos, sempre as datas são a melhor recordação dos factos.

A de I de Janeiro dêste enigmático ano de 1947, recorda com júbilo marcar dez anos de existência «O Castanheirense», na tenaz luta ainda inglória a sua missão conquistando a vitória de causas nobres e solução de transcendentes problemas, favorecendo habitantes do Concelho que defende, prestigiam os seus congéneres que desseminados de Sul a Norte dizem ao País do valor da Imprensa Regional.

Crítico, comentador, o seu magistral número festivo, impôz-se a nosso minucioso balanço sôbre essa função que exerce, concluindo por um vitorioso saldo apresentado pela folha de ricos feitos que o enaltecem no aprêço e respeito da opinião pública.

Compete aos nobres filhos dêsse feiticeiro rincão no coração de Portugal — a Beira Litoral senhor de extraordinárias belezas, poderoso na sua indústria téxtil, agrícola, irem com vibrante entusiásmo, mesmo re conhecimento, saudar o seu melhos Amigo que tri-mensalmente os visita expondo em brilhantes narrativas os ocontecimentos que ocorreram atra vés o Universo.

Desde a hora que seja do cons ciente conhecimento do povo, o valo e a fôrça que no moderno viver do povos representa o seu transcendent papel dentro da espinhosa quão difi cílima missão: Educar, aperfeiçoa a moral, corrigir os usos e costumes enraizar na alma/do português o se amor pela terra em que nasceu, den tro daquela Escola que desperta puro sentimento regionalista, únic meio de chegarmos junto da real dade pela qual lutamos desde 190 - a transformação mental, conquis tando de facto o cantado Portuga Melhor e Maior, então sim, a In prensa Regional inicia o seu triunfo passando a inegualável missão qu exerce a ocupar na organização se cial a representação que lhe pertence oficializando a, categorizando dev damente os que por direito e de fact são jornalistas, obreiros na divulg ção do Pensamento.

Saudando neste festivo dia 1 de Janeiro de 1947, ano enigmático, jornal «O Castanheirense», distir guimos seus talentosos Director, co laboradores assíduos que pelo sacrificio e esfôrço continuarão no nova ano de combate, unidos pelo pens mento, solidários na acção que viexercer, provando da utilidade nexistência dos jornais da província tudo pela grandeza de Portugal!

Silva & Cabral, L.da

ARMAZÉM de Papelaria e FÁBRICA de Sacos de Papel Artigos Escolares e para Escritón Papéis de Embrulho, Impressão e Escrita

Armazém: R. S. João da Praça, 60 Escritório: 58-1.º /// Telef., 20678 L I S B O A

电讯电电讯电讯电讯电讯

Automóveis

Camions

Acessórios



AGENTES EXCLUSIVOS DO DISTRITO DE LEIRIA

Maia & Dias (LIMITADA)

Telefone: 273

Leiria

Terra de Trabalho e Oiro...



COM precisão, pouco se pode dizer àcerca da fundação da iureja Matriz de Castanheira-de-Pera, constando todavia que D Martinho Pires, que foi bispo de Coimbra em 1398, Moita, deste concelho. Por ser grande a distância entre éste lugar (Moita) e a então sede paroquial (Pedrogão Grande) a mulher de Braz Pereira pediu ao aludido bispo a criação de uma freguesia. que terra a sua sede em Castanheira, por ser o ponto mais central.
Foi atendida a sua petição, sendo o templo construído, mais tarde, no local onde se erguia a ermida de S. Domingos.

OM a sempre desejada visita do grande Castanheirense sr. Adrião Henriques dos Reis, que ultimamente pouco se demorou nesta sua terra, a nossa igreja Matriz ficou servida com um melhoramento de relêvo. O quelho estreito, emporcalhado, que conduzia ao templo, foi transformado numa rua ampla, airosa, com pavimento de bom piso, convidativo - até áqueles que renegam a salutar Doutrina de Cristo, que nos apresenta homens como Adrião Reis.

CEPPAS &

ANTUNES [LIMITADA]



SEDF:

R. dos Fanqueiros, 84-2.º Tele (fone, 2 8-1-5 e 3-1-3-4-1-0 gramas, *LABOR*

ZILIAL:

R. do Rosário, 156-156 A BIO DE JANEIRO --- BRASIL Tele (fone, 4-3-9-0-l legramas, LUSAGNE

Agência: - New-York, U. S. A.

Secções: - Importação

- Exportação - Industrial

200

Ceppas & Antunes, L.da

Apresentam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos os cumprimentos de Boas Festas e desejos de um Novo Ano muito teliz.

001 100

ચાહુ એક એક એક એક એક એક એક એક એક એક



Mark of the state of the state

A Pernambucana (LIMITADA)

治院 治院 治院 治院 治院 治

多宗治宗治宗治宗治 治宗治宗治宗治宗治

ESCRITÓRIO:

Rua de António Maria Cardoso, n.º I

LISBOA

TELEGRAMAS:

Pernambucana



TELEFORE:

漸來樂你樂你來來你來你你來你來來你來來你

2 9-8-8-1

CASA ESPECIALIZADA CHAVEN CARÉS PARA

ágina Literária

- Dedicada ao intercâmbio literário e artístico luso-galaico -

Orientação de A. Garibáldi Publicação

MENSAL

Hugo Rocha

SEM favor se pode dizer que o escritor Hugo Rocha produziu mais uma obra digna de acurada leitura, cheia do maior interêsse e onde se confirmam qualidades já exuberantemente demonstradas em outras suas obras.

A sua actividade literária — actividade que não esmorece, felizmente—cada vez se vem afirmando com mais pujança, viço, vibratilidade, galhardia e muito engenho.

Passei algumas horas de enlêvo espiritual a lêr as belas páginas do seu último romance «Éramos 4 irmãos...», que é a história de uma família.

Perpassam no romance cenas em terras brasileiras e em terras portuguesas. No Brasil decorre parte da sua acção, ali onde viveu, lutou e sofreu um dos ascendentes dos quatro irmãos, que dão nome ao

livro. O autor esteve já em terras africanas e alguns de seus anteriores livros - «Bayete» (prosa) e «Rapsódia Negra», «Poemas exóticos» e «Quissange» (em verso) — retra am muito de quanto a sua retina fixou nessas paragens. Este romance evoca, igualmente, essas terras - onde duas das suas personagens viveram.

Em belo estilo, descreve nos traços dessas paragens, como nos evoca factos políticos relacionados com o movimento revolucionário de 31 de janeiro — que fêz ir parar à África uma das personagens do romance, a mais representativa.

E' um bom livro êste com que Hugo Rocha presenteou agora as nossas letras.

Do princípio ao fim, o leitor é tocado de curiosidade de prosseguir sempre na sua leitura, sem parança, sem interrupção, sem um momento de enfado, antes sempre animado de vivo interêsse em seguir a trama urdida com engenho.

Estão de parabéns as nossas letras com a publicação dêste livro: é uma verdade.

«Éramos 4 irmãos...» é um livro mais da série daquêles que, com inteligência, com ilustração, o escritor Hugo Rocha nos tem dado. Lê-se com sumo deleite, com proveito, a obra dêste escritor, cujo nome aqui lembro aos leitores desta «página», nome que fica nas nossas letras, nome que em cada sua nova produção, vai adquiríndo muitos e muitos admiradores.

E no número dêsses seus admiradores, se encontra o subscritor destas linhas...

EJA UNO

Conceito

Que importa a Morte, se a vertigem do Tempo consome a carne e exalta o espírito?

(Inédito)

VITÓRIA RÉGIA

@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@

A pintora

Paula Millán Alosete

Paula Millán Alosete é uma jóvem artista madrilena, com um nome já notável, conhecido, falado e admirado nos meios artísticos de Madrid, essa encantadora cidade do sol e da alegria.

Tôda a sua obra é cheia de suavidade cristalina, em que se pa-

tenteia a subtil feminilidade da sua alma e do seu coração. Corre lhe nas veias sangue de artista, pois seu pai era pintor também: D. Mariano Millán Velasco, também madrileno, e de alto prestígio artístico.



«COLHENDO FLORES» Quadro de Paula Millán Alosete

Paula Millán Alosete, que é uma trabalhadora infatigável, pois vive dos seus pinceis, realizou já três exposições individuais, tendo concorrido já a mais de dez nacionais de Madrid e Barcelona. Igualmente concorre a todos os salões de outono, que se realizam na capital espanhola. Foi discípula do notável gravador galego D. Manuel Castro Gil, pois também Paula Millán Alosete cultiva, a arte dificil de

gravar, com carinho, entusiásmo e valor.
Convivendo pouco, Paula Millán visita, no entanto, todas as exposições que se realizam em Madrid, analizando, observando — e, por isso, são autorizadas as suas considerações sôbre arte, que nos dá.

Conheço bastantes dos seus quadros, cheios de transparência e de luz, e que nos afirmam, na sua matutina frescura, o brilho florido com que esta artista cultiva o ar livre. A sua arte é altamente equilibrada, sem aberrações modernistas

- e, por isso, é uma arte que se compreende e que se ama.

Paula Millán Alosete tem uma visão esclarecida sôbre os problemas artísticos, como se pode vericar pelo depoimento que nos dá: Como prefere a pintura?

- Gosto da pintura no estilo dos nossos clássicos Velázquez, Ribera, Españoleto, embora tenha um critério muito amplo e também há muitos pintores modernos que admiro grandemente, como Zuloaga. Há também obras de tendência moderna que são admiráveis, e concordo que todo o esfôrço modernista é de ter em conta para a renovação da arte.

Como compreende a Pintura? _ Julgo que um quadro deve cativar-nos pela sua beleza e naturalidade; não gosto nada dêsses quadros em que se vê um olho por aqui, umas rectas por além ou outras linhas incongruentes que o espectador não sabe o que são, e que o artista que o fêz diz que é alma do

Quais os motivos que a atraiem? Encantam-me os motivos sôbre cenas no campo, por exemplo, as fainas agrícolas, razão porque eu pinto muito ao ar livre. Também cultivo muito o nu.

Pinta há muito?

- Sim, há anos; antes da nossa guerra civil, realizei duas exposições individuais, a primeira no Círculo de Belas Artes de Madrid, e a segunda no salão da Biblioteca Nacional, e o ano passado outra no salão Acolian, de Madrid, que está situado na Gran Vía.

Na primeira apresentei obras a óleo, têmpera e aguarela; a segunda era constituída por aguarelas e desenhos, e a que realizei o

C+ (Continúa na página seguinte)



Desenho à pena de Paula Millán Alosete

A PERGUNTA

— Que queres ser? — Indaga-me o Desi Respondi-ihe: Eu, ser santo; e o Destino me opôs esta sentença: - Tens que te contentar com muito me

Pesaroso, aguardei nova pergunta...

Que queres ser? — indaga-me o Des.
outra vez: Eu, ser génio, respondi-lhe;
Ele, irònicamente, me repete:
Tens que te contentar com muito mer

E, afinal, mudo e triste, já não espero em meu sombrio canto a última indagação, a que sòmente responderá meu trágico silêncio!

(Inédito)

ALVARO CASTELLANOS AL

Elexia do mariñero morto

El era noivo i andaba a singlar roitas de guerra. Tiña un arume de gaita na sua voz mariñeira.

> - Ai a saudade do noivo arelante de ribeiras!

Ela tiña un pano verde i-unha sorrisa pequena Era frolida pastora i-andaba roitas de seda.

> - Ai o namoro da noiva toda mollada de esperas!

El perdeuse coma un sono unha noite sin galernas. Ollara nas verdes ágoas o gozo do pano d'ela.

> - Ai que peixes de silenzo da sua voz mariñeira!

Ela afogou a sorrisa nun remuiño de têbras. Ollara o cabelo d'él verde sono das mareas.

> - Ai que coral desangrado sua sorrisa pequena!

(Inédito)

JOSÉ DÍAZ JÁ

OFERENDA

123

Da vossa carne para a vossa alma

Para a tua alma pura aonde a túnica Dos meus olhos se afunda na miragem De conceber que foi só ela, a única, Que mais se apròximou da minha imagem;

Para ti, que sentiste, quase, o abraço Que o teu corpo no meu pregou em cruz E nossa carne, em bloco,—espelho baço!---Sintetizou ao sonho de ânsia e luz;

Vão de outras carnes --- bocas poluídas ---As rimas que talhei a bem ou mal Em horas de amargura... doloridas !...

Que ao menos, Tu,---Amor!---as saibas ler Para que eu veja em ti a alma igual --- Sob o nu do teu corpo de mulher...

(Inédito)

Vaz Craveiro

Pol'a ria d'a Arousa

Vai o barco c'oas velas aladas, que semella unha branca gaivota ; n'él as miñas arelas douradas san con rumbo a unha illa remota.

As aves mariñas que pasan voando con rumbo iñorado do azul pol'os vieiros as asas batendo, parez que van dando adioses á istes varils mariñeros.

A cántiga doce d'acento saudoso tenrísema soa n'as aas d'as brisas, y-escoito o aturuxo vibrar xubiloso na leda compaña de meigas sorrisas.

(Inédito)

Galiza, 46.

Faustino Rey Romero

TROCADILBOS

(NUM ALBUM)

Bendita sejas, formosa, meu lindo sonho de Amor... Não sei se és flor porque és Rosa, ou se Rosa porque és flor!?...

Só rosas, no seu caminho, possa encontrar venturosa; e nunca sinta um espinho... Quem, sem espinhos, é Rosa!

(Inédito)

Elísio de Vasconcelos

O Gorgeio da Saudade

Um melro que cantava em bom trinado, preso por laço vil em plena vida, com pios lamentava a dor sentida, vendo-se na gaiola encarcerado.

Nostálgico, lembrava o desgraçado, a sua liberdade tão querida, os idílios alados, a corrida, entre o bosque florido e perfumado...

Entretanto, já calmo e paciente, faz cessar a aflição da soledade melodiando um canto, ternamente...

E, esquecendo o agravo da maldade, saudoso e resignado como um crente, cai inânime ao trilho da saudade!...

(Inédito)

A. Mendes

Pintora

Paula Millán Alosete

(Continuado da pág anterior)

o passado, por obras a óleo, têmpera, uarela, gravuras a água-forte e ponta-

Qual foi a sua exposição que

us interêsse teve?

-Em todas tive sorte, foram lito visitadas e vendi vários quadros, ulgo que a última foi melhor. O

de arte sr. Sánchez Camargo, palestra pela Rádio, em fins do passado, considerou a minha exsição como uma das três femininas is notáveis. Eu própria falei pela dio. Durante a temporada que durou ninha exposição, pronunciou uma nferência sôbre a têmpera na antidade e os seus raros cultivadores hoje (entre os quais me contava) o tico de arte sr. Guillot Carratalá, e cebi muitas felicitações.

Encontra - se representada em

gum museu?

- Ainda não. E planos futuros?

- Se Deus quizer, penso realizar tra exposição, dentro de um par de os, mas esta de gravuras e desenhos; a isso, costumo a quase todas as posições nacionais e de entidades ticulares, ou concursos.

A que horas prefere pintar? - Todas as horas do dia são boas a pintar, e as da noite para desear; pode dizer-se que estou sempre m o pincel ou o carvãosinho na mão; neço a trabalhar às nove e meia da nhã até à meia-noite e mais.

Como se manifestaram no seu vírito as predisposições artísticas? Em realidade, desde que tive da razão, pois meu pai era tamn pintor, e desde pequena tive dilecção para fazer bonecos, mas la felizes, como qualquer criança. s doze anos comecei, contudo, a ıdar o desenho com algo de serie-

Se não fôsse pintora, que dese-

ia ser?

-E' do que eu mais gosto, de tar, e a seguir de música; tive a época em que tocava alguma sa de violino.

Qual é o seu parecer sôbre a arte? Creio que agora há um grande surgimento; quase todas as expobes que se realizam actualmente interessantes e, portanto, melhoque as que se realizavam antes da isa guerra civil, em que havia algus, das chamadas modernistas que me agradavam nada, apesar de Le encontro sempre em todas as sas dignas de ter-se em conta,

Agora há aqui um grande movimento artístico em todos os ramos da arte. Nunca se realizaram tantas exposições, concertos, etc., como actualmente.

Gosta de literatura?

- Muito; a ela me dedico nos momentos de ócio e leio todos os bons autores que estão ao meu alcance.

Interessa-lhe o panorâma artistico português?

-Sim, é tão interessante como o dos demais paises, e para os espanhóis ainda mais, por ser mais seme-

Qual é o seu parecer sobre a mentalidade espanhola em relação á

_ Muito bom; eu sempre acreditei que é onde nos destacamos com mais facilidade.

111

Todos os artistas, como todos os literatos, têm sempre uma anedota a contar, um permenor pitoresco que se prende com a sua vida e que, às vezes, faz parte integrante da sua própria vida. Também gostei que Paula Millán Alosete me relatasse um facto picaresco da sua vida, um pormenor, uma anedota, para que eu, realatando-a amenizasse e désse um pouco de alacre colorido a esta crónica.

- Narre-me, Paula Millán, uma anedota relacionada com a sua vida de artista.

E ela começou, então, a contar-

- Verdadeiramente, a minha vida tem transcorrido tão mansamente, que quase nada posso dizer-lhe que mereça interêsse. Contudo, contar-lhe-ei umas pequenas coisitas, se julgar niente que se divulguem.

Quando eu comecei a pintar, tinha uma amiga muito querida, que faleceu há anos, e com quem fazia frequentes excursões, tanto pelos arredores de Madrid, como por outras localidades. Uma ocasião, deu-nos para ir pintar uma paisagem para o romântico cemitério de «San Martin» (já desaparecido, para construír grandes bairros de casas); o caminho, até ali, era bastante cheio de sol e de poeira no verão, e, um dia, sentamo-nos à sombra de um muro branco que tinha sido caiado recentemente, e durante o descanso entretive-me em reproduzir naquela parede a paisagem que tinha em frente; alguém foi contá-lo zo dono do recinto, que dali a pouco aparecia, a vêr o que tínhamos feito: observamos que um homem olhava



«NO RIO» Quadro de Paula Millán Alosete

como ía a obra, mas julgamos que fôsse um dos frequentes mirones; desapareceu e não ligamos importância, mas qual não foi o nosso espanto quando dali a poucos instantes apareceu com uma bandeja com pasteis e uns còpinhos de vinho que com grandes demonstrações de satisfação nos fêz tomar. Ainda menos mal, porque o dono do muro e de tôda a cêrca tinha os seus pruridos artísticos!

Outra ocasião, tinhamos acabado de esboçar uma paisagem; interrompemos o trabalho porque já fraquejava a luz, e comecei a estudar uma árvore próxima, a lápis, sôbre uma fôlha de papel; a seguir merendámos com a satistação daquêle que realizou o seu trabalho com alegría; recolhi as minhas coisas, e o estudo arbóreo não aparecia em parte nenhuma; pensei que o tivesse levado alguma rajada de vento, e regressamos à cidade. Mas, - calcule-se!ao chegar a casa e tirando os restos da merenda, o meu desenho servia de embrulho a um pedaço de presunto!

Eis aqui, um pouco da vida e da alma desta jóvem artista, que vive para a arte, valorizando-a e acreditando ao mesmo tempo, e cada vez mais, o seu nome e os seus méritos.

Braga, 46.

GARIBALDI

UANDO vires alguém renunciar ao mundo, não lhe analizes o equilíbrio men. tal: profunda lhe a alma, e convencer-te-ás de que a sua dôr subiu ao máximo.

Celeste Harrisson

(Inédito) .

À MEMÓRIA

do poeta terceirense

Joaquim José C. Mendes

Não morreste, poeta! A tua alma, flor fresca e perfumada, feita de luz e de harmonias, continua a cantar nos versos que nos legaste.

Os poetas não morrem. A chama divina da poesia jámais se extingue, é eterna. E' como a luz do dia: há sempre uma noite que a sepulta, mas há também sempre uma aurora que a ressuscita.

Não atingiste as maiores alturas, mal te libertaste das influências de Antero e de Junqueiro, que elegeras mas ias a caminho de ti próprio, já deras sinal do teu eu; teu pensamentojá tentava voar franco e livre; já a tua arte se embebia nas tintas da tua alma, procurava as molduras do teu espírito lúcido e culto. Não deixaste uma obra que fulgure, mas fôste um poeta, uma alma de luz, ávida de simpatias, um coração terno, amável, de emoções nobres, um espírito de essência superior, que queria subir, elevar-se, atingir as maiores alturas, entrar nos Céus e dar-nos a claridade sonhada da

Vida. O sol da vida que tanto te deslumbrou, que tanto amaste, que te foi fôrça e graça, calor e frescura - o sol da vida deixou-te cedo, na madrugada esplêndida, quando o mal, o pranto, a dôr, são sorrisos de esperânça, cânticos festivos, perfumes do futuro que se espera, e as falas dos homens são sôpros suaves, promessas radiosas em que se não acredita ... Mas o sol da imortalidade na terra é teu para sempre, jámais se apagará, não há maldade que o atinja, inveja, intriga, mão criminosa que t'o roube, fome, miséria que o devore.

E' teu. Deu-te a arte, a beleza que cultivaste e amaste, que te enchia os olhos e alma, que trazias no pensamento e no peito; deu-te a sinceridade, o amor, o sofrimento, o sacrificio, a renúncia, a abnegação com que o construíste; as lágrimas que absorveste, o sangue d'alma com que o fecundaste, a morte humilde, desprovida, com que o ergueste ao céu dos eleitos. E' teu para sempre, não há interêsses, grandezas humanas. misérias humanas, violências humanas que o destruam!...

(Inédito)

RAIMUNDO BELO

Homens ∂e Trabalho

De há muito que pretendía.

mos esboçar meia dúzia de palavras sôbre o senhor

José Coelho Júnior, proprietário dêste jornal e das Oficinas Gráficas de Ribeira de Pêra, Limitada, mas. . . — sempre êste mas de indecisão e receio — temiamos contrariar a sua simplicidade.

Hoje, porém, executamos a nossa vontade, não nos incomodando que desabem o «Carmo e a Trindade»...

O nosso homenageado infunde-nos simpatia e respeito pela sua permanente actividade de lutador que sabe desenvolver a sua indústria e orientar os seus múltiplos negócios.

Chefe de Família dedicadíssimo, adora o Lar ao qual dispensa o melhor do carinho, dando-lhe tôda a ternura do seu coração bondoso.

Embora, por vezes, exerça acção ríspida entre o seu pessoal, imediatamente, revestindo o espírito de docilidade, aconselha o empregado a bem cumprir, conversando amigávelmente, partilhando das inúmeras arrelias que esta espinhosa vida da Imprensa acarreta.

Na hora de satisfação que passa para a gente «cá da casa», pelo 10.º aniversário de «O Castanheireuse», permita o senhor José Coelho Júnior que lhe transmitamos um efusivo abraço, portador da consideração em que o tem o seu dedicado

PESSOAL

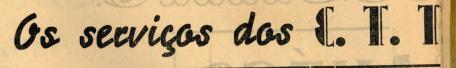
Sapataria Lydia, L.da

Telefone: 2-7-5-1-3

CALÇADO de LUXO em TODOS os GÈNEROS

RUA DO LORETO, 32

H ded of cheded of cheded of cheded of the ded of the ded of the ded of the ded



Continuamos na nossa campanha...—se campanha se pode chamar à defeza de direitos que pertencem a todos que fazem vida neste Concelho de Castanheira de-Pêra.

O caso dos serviços dos CTT, tão ventilado nestas colunas, continúa cada vez mais ennovelado... Parece até existir certa má vontade contra a necessidade imperiosa da sua construção.

Sôbre tão palpitante assunto temos feito o possível para se atingir um fim que satisfaça a todos, convencidos de que em breve se edificaria, por intermédio da A. G. C. T. T. ou por iniciativa particular, casa própria.

O local, já por nós designado, é aquêle que com essa intenção foi adquirido por intermédio da nossa digna Câmara Municipal a o senhor dr. Marcolino da Silva, na Avenida Adrião Reis.

Foi para nós surpresa a informação de que aquêle terreno não possuía as dimensões necessárias para satisfazer o projecto da A. G. C. T. T.!!!

A culpa desta decisão não sabemos a quem cabe. Não nos interessa Mas estamos crentes de quando da abertura daquela artéria o caso devia ter sido devidamente ponderado por quem de direto.

Qual a razão que leva a afirmar que aquêle espaço de terra é insuficiente? Parece-nos que é mais que amplo para o levantamento de um prédio capaz de contentar, satisfazer até, as necessidades da nossa população e seu Concelho. Não se consegue construír conforme o determinado no projecto? Ergam se as paredes conforme as possibilidades do delimitado. Ainda não foi possível, neste século de audácias... medir a distância que nos separa da abóbada celeste!

Não concordamos — se nos permitem a franqueza — com a desanimadora informação, continuando nós a pugnar por que a esclarecida Administração Geral dos CTT se interesse, mas valer, por tão momentosa questão, a qual não «pomos de mão» enquanto certa má-vontade ande, matreira, a prejudicar um centro como Castanheira-de-Pêra—rico de indústria, cumpridor, trabalhador e honesto.

Como estamos «com as na massa» trazemos a lui visita a esta Vila de dois ilu Inspectores da A. G. C. I na missão de apurarem se o vimento de correspondênci nosso Concelho necessitav. dois distribuidores.

Das indagações apurada zultou: Existir apenas se para um só carteiro efectivo do êste auxiliado por um s que ficará a exercer o cargo rante quatro horas por dia.

Não atinamos com a porque não é dado serviço aos dois funcionários. Esta são em nada resolve as didades de toda a hora. Com u distribuidor nem tempo fica se lêr a correspondência, que mais para respostas imed que prejudicam expedient responsabilidade e valor.

Gostavamos que tão ze Inspectores estivessem pres em dias de desusado movim com atrasos da caminheta transporta o correio, etc.

Só de outra maneira se tifica, em parte, a resoluçã mada, mas deve concordarque Castanheira de-Pêra m que os seviços dos CTT a façam como merece.

Em resumo:

E' indispensável que a de buição de correspondência se a tempo e horas, para evit que sofram do mesmo mal a calidades do Amia I, Fo Vale das Figueiras, Além de beira, Corgueira, Dordio, e mais . . .

Esperamos que o problei resolva, depois de mais attentendimento da Repartição petente.

Artes Gráficas

I MINITES, 1.

Máquinas /// Tipos
Tintas /// Papéis

PORTO
Rua do Almada, 240-24
Telefone: 4-1-5-8

Acessórios

LISBOA

Rua Poço dos Negros, 82

Telefone: 6-1-3-7-4

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS ORÇAMENTOS GRATIS

CASTANHEIRA

Oficinas Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da

TELEFONE 1 6

DE

PÊRA

OS nossos ços são e gurança nossa client

A perfeição dos nossos impressos é a garantia da nossa fama.



Agência Funerária Antiga

Sede-L. das Olarias, 41 a 45 - Telefone: 2-7-8-3-2 Garagem e Depósito — T. do Jordão, 3

LISBOA

Mauricio Lopes Méga & Companhia

GRARDE SORTIMENTO DE URRAS Urnas de todas as qualidades de madeiras e de todos os tamanhos TRAZA DE FUHERAIS COMPLETOS. DOS MAIS SIMPLES AOS DE MAIOR POMPA

Trasladações em todos os cemitérios e para o estrangeiro

PERMANENTE UM EMPREGADO **ENCONTRA-SE** AGÊNCIA NA

> módicos Preços

duardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones PBX (Fábrica: 1668 Escritório: 1313

Enderêço Telegráfico: DORATO

FÂBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

maior organização do género Escritórios e Armazéns: Rua de Sá a Bandeira, 614 - PORTO

tos metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVIDATIVOS. ENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos



LISBOA

0 Conhecidas Anilinas 8 0

0

000

0 0

000 Manuel H. dos Santos Nascimento - Telef.: 18

Agente em Castanheira-de-Pêra:

Agentes Gerais das

9999999<mark>9999999999999999</mark>

Produtos CIBA, L.da

876 3KD

Rua da Madalena, 128. - Lisboa

Rua Gonçalo Cristovão, 277 - Porto

As Gabardines «Valfeitozu D. S. C.» correm MUNDO INTEIRO com esta MARCA DE GARANTIA

UMA HORA FELIZ...

Desastre de automóvel



António de Barros, como em todas as terras pequenas ou grandes, é um dos moços simpáticos, de élite. De élite, escre vemos, pela sua primorosa conduta. Simpático, por usar de trato lhano, sem distinguir classes. Protege os humildes e com êles convive num ambiente de estima e respeito, alargando o seu extenso laço de probas relações ao degrau daquela chamada sociedade superior.

E' consideradíssimo, António de Barros, que nos honra em ser nosso conterrâneo, predispondo muito bem os centros de tertúlia que têm a felicidade da sua presença. Este nosso queri-do Amigo é um alfôbre de graça quando descreve passagens da sua vida de rapaz - pois pouco mais conta que duas dezenas de anos -entremeadas de anedotas de fino sabor, infiltrando-lhes espírito e agradável modo de dizer.

Por assim acontecer reproduzimos a sua efígie nestas colunas, como prova de consideração que a gente cá da casa lhe tributa, e, aproveitando o ensejo, para the apresentarmos a mais alta admiração pela forma altruísta como se portou no desastre de automóvel a que adiante nos vamos referir.

Bem sabemos que cumpriu com um dos sagrados deveres humanos, mas também compreendemos que, nesta época de snobismo e comodidade, outro que fôsse, poderia proceder de modo diferente

Não o colocamos num friso superior de coragem, mas admirá-mo-lo pelo poder de abnegação que o reveste — o que quer dizer que se trata de uma alma bem formada, digna de encómios e de respeito.

Do Pensamento

/// Não depende de nós o não sermos ricos; depende, porém, sempre de nós, tornarmos respeitável a nossa pobresa.

/// Os verdadeiros esperam que os cha na prosperidade; na adv de, são êles que se

A notícia já correu mundo, explicada por traços caligráficos, TSF. telefone e telégrafo. Os nossos colegas diários passaram-na a letra de forma e o país inteiro e além fronteiras tiveram conhecimento de um desastre de automóvel, que pelas circunstància em que se deu podia ter ocasionado um lamentável desfecho, enlutando algumas famílias gradas da nossa terra e a si estranhas.

0

0

«O Castanheirense» reaviva a ocorrência, não para destacar esta ou aquela passagem, mas sim para arquivar nas suas colunas um dos acontecimentos que só o factor sorte evitou que resultasse numa impres-

sionante tragédia.

No dia 24 de Novembro do ano findo os srs. José Francisco Diniz, sócio-gerente da Fábrica de Lanificios da Várzea; Paulo Proença, tesoureiro da CGD; Alfredo Henrique David, negociante; Abílio Gama Henrique, funcionário público, e Sertório dos Santos Fonseca, chefe da Secretaria do Sinditato de Lanifícios, resolveram efectuar um passeio de automóvel, visitando num dos subúrbios desta Vila, a residência do proprietário do carro. A curta viagem de ida decorreu sem incidente, entre a satisfação própria de quem trabalha e cumpre, procurando gozar da melhor maneira as horas que o domingo oferece.

De regresso, pelas 17 horas, no local denominado «Barreirinho», altitude de Coentral, por má visibilidade, despenhou-se o veículo por perigosíssima ribanceira—um abismo de cêrca de 20 metros de profundidade - arrastando na queda a maioria dos seus ocupantes. A poucos metros, na estrada, conduzia o seu auto, na companhia de alguns cavalheiros, o nosso bom amigo sr. António de Barros, que presencearam horrorizados o terrível espectáculo. Sem detenças decidiram acudir às vitimas, tirando, uma a uma, da situação crítica em que se encontravam, transportando-as Hospital desta localidade, onde receberam socorros. Como o seu estado não inspirasse sérios cuidados, recolheram a suas

Agradecimento

ERTÓRIO DOS SANTOS FON-SECA vem, por êste meio, testemunhar o seu sincero agradecimento a todas as pessoas que o visitaram durante a doença que o reteve no leito, bem como a todas as que, por qualquer forma, se interessaram pelo seu estado de saúde e, muito especialmente, ao industrial senhor Antônio de Barros e aos ilustres clínicos senhores Doutores Ernesto Marreca David e José Fernandes de Carvalho, pela maneira verdadeiramente cavalheiresca e carinhosa de que usaram para com a sua modesta, mas imensamente grata, pessoa.

A todos, pois, muito obrigado.

Castanheira-de-Pêra, 2 de Dezembro de 1946.

Sertório dos Santos Fonseca



Primeira classe

(Junto à igreja de S. Domingos)

ENTRADA:

R. dos Correeiros, 264, 2.°, 3.°, Dt.º Eq.º

APTOFONE (EM TODOS OS ANDARES) 28454

Esta PENSÃO foi luxuosamente ampliada /// Todo o confôrto moderno || Otimo serviço de mesa ESPLENDIDOS QUARTOS MÁXIMA SERIEDADE

ENGLISH SPOKED

Uma visita a esta casa, é sempre bem acolhida pela sua gerência

LISBOA-(Portugal)



casas, retomando as suas actividades, depois de alguns dias de repouso. O automóvel ficou totalmente destruído.

Sem contestação, pode chamar-se aos velozes segundos que o ponteiro marcou no desastre: uma hora feliz... desde que se conheça o despenhadeiro, sortido de rochas salientes, tendo ao fundo a reforçar o perigo. a ribeira arrogante.

E' de felicitar aqueles nossos amigos, que no meio castanheirense desfrutam gerais simpatias pelo seu aprumado porte e requintado carácter, por saírem vitoriosos da sua viagem ao abismo...

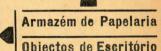
Conversando com o sr. Sertório dos Santos Fonseca, obtivemos estas rápidas impressões:

.. «Chovia, todos se conservavam em silêncio a bordo do DKW que descrevia perigosa curva, alcançando a valeta com travagem morosa, mantendo-se, como que hesitante com duas rodas no macadame e outras duas fora, talvez a vêr se caía ou não... O Proença, exclamou: «Já estamos!» E lá fomos rolando pelo precipício, batendo na rocha dura, até estacarmos, lá ao fundo, num «baxaréu». A menos de um metro, caminhava a ribeira. Bastava uma pequena volta... Adormeci, por segundos. Quando abri os olhos é que me convenci que ainda não era daquela que eu marchava... Olhei em redor. O sr. Alfredo, que se conservava em cima de mim, contorcendo se desesperadamente, com o rosto coberto de sangue, quase me arranca uma orelha com uma das botas. Gritei-lhe para que se mantivesse em sossêgo, pois que o carro ameaçava caír na ribeira. Nesta situação, surgiram os nossos salvadores. A' frente, António de Barros. Os meus com-

panheiros, dois dos quais hay sido «cuspidos» no memorável jecto... estavam bem. Tentei ali -me da dolorosa posição em que encontrava, mas debalde. Estava talado entre os destroços do a Até me tiraram. Parecia um b lhau... mas, um bacalhau com n sorte!»

> E termina o nosso amigo: «Como nos salvamos, não coi

explicar ... Milagre ?»



Objectos de Escritório

Importação Exportação



Telegrama: OÉLE Telefone: 5-6-0-2 CHAMADAS



R. de Entreparedes, 34-PORTO

J. Vilanova & C. L.

Óleos para todos os fins industriais
e para automóveis

EMPARQUES - CORREIAS DE COURO BORRACEA - PÊLO DE CAMÊLO DE CAMÊLO E DE BALATA

commind ob sinking a sind "Millia"

(Produto absolutamente garantido)

2011itA—2011nsimA

Rua da Boavista, 160, 162 e 164-LISBOA

TELEFONE: 2-4-4-1-2

AGERTE EM CASTAMBEIRA-DE-PÊRA:

JOSÉ COELHO JÚNIOR

7 Beira-Alta e o Beirão

BEIRA, por ser a província mais recolhida no cerne de Portugal, será talvez aquela em que se encontra um reportório de tradições, de usos e costumes, mais genuíno e imareada. Com efeito não parece ter sido de molde a atraír o invasor, e muito menos a segurá-lo a natureza do solo com escarpa após escarpa, pedregulhal após pedregulhal, estreitos vales descrevendo verdadeiras circunvoluções em tôrno de cabeços empinados. A menos que se tenha operado mudança radical nas condições climáticas, pode dizer-se que a oborígene agarrou-se à fraga pelo mesmo milagre por que um carvalhiço, uma azereira medram em cima da penedia sem que se veja o húmos que os sustenta. Também êle, deitando raízes na terra de granito, leve e pouco profunda, soube resistir e multiplicar-se. E aqui, mais do que nenhuma outra parte, perdurou estreme, limpo de sangue semita, porventura mesmo de germano, tendo a defendê-lo da mestiçagem a própria inclemência do meio-

Em qualquer hipótese, mais enxuto ou menos enxuto de bastardia, o beirão vem de longe. Basta considerar que a provincia mais serra do que plaino, a ponto que a sua dimensão aumentará muito sensivelmente adicionando-se à area planificada a superação que provém da altura dos montes, está coberta de orcas. de mamôas, de ruínas de castrejos e citâneas inexploradas, de campas abertas na rocha e de cenetáfios cavados nos altos e inacessíveis penedos que o serrano chama pias e que, parecendo à primeira vista obra de erosão, é incontestável acusarem a incisura de instrumentos determinados.

Aparte as orcas, que a arqueologia baptizou com a palavra céltica de dólmenes, inventariadas melhor ou pior - e como não, dado o vulto da sua gigantesca carapaça? — a copiosíssima herança tem sido objecto apenas de breves estudos, todos parcelares. A vista do alto, posto que sumária, basta para nos certificar quanto o centro do país foi povoado desde as mais remotas idades. E é com tal fundamento que somos levados a supor que o meio climático se tenha mantido mutatis mutandis através dos séculos, muito embora variasse a escala dos valores económicos. A vida, então, devia ser áspera, laboriosa, exigindo do homem o seu comer de resistência. Da caça e da pesca, sobretudo, tirava o homem o seu comer de resistência. Caça devia topá-la em abundância nas selvas que, segundo testemunhos dignos de crédito e não apenas a estimativa mais verosímil, recobriam exuberantemente lande e colina. Quanto à pesca ainda hoje é praticada com mais ou menos proveito nos inúmeros rios e riachos que sulcam a grande comarca ao sul do Douro, não obstante o encarnicamento com que a fauna fluvial tem sido perseguida por famintos e cubiçosos sem escrupulo, que tanto empregam a dinamite nos açudes profundos como envene-

Telegramas:

MANUEL VIDEIRA

TONDELA

nam corrente e colheitas com coca, cal e mistelas de rabaças e de trovisco. A Câmara de Barrelas não arvorou a truta em elemento nobiliário do seu escudo?

Assentemos sem errar que o beirão coevo de Tutankamon e de Ulisses pedia ao mato e à água doce o substancial do seu passadio. Gramíneas pouco conheceria além do centeio e do milho paínço. E sendo certo que as fruteiras, sem falar no castanheiro no carvalho, deviam beneficiar de um ambiente mais favorável que hoje — substituído o péssimo sistema de condensadores do hausto marinho que são as serras beiroas, com o seu anfitiatro realizando uma autêntica oclosão da maior parte da comarca, pelo luxuriantíssimo arvoredo — não constituíam celeiro de dura. Aqui, como de resto no vasto mundo, o habitante era bicho das brenhas. Guerra e vandalismo de tôda a ordem destruíram o produto benéfico e previdente da natureza. O homem encarnicava-se contra o homem e, para melhor facilidade no extermínio, o fogo preparava a obra do ferro As florestas centenares, que vestiam montes e vales, a arder no céu nocturno, mais de uma vez haviam de dar aos homens a ideia pavorosa do fim do mundo.

As razões que documentam o povoamento da provincia desde os mais remotos tempos, pressentidas ou subsistentes, ajudam agora a decifrar o compleicional beirão nos predicados que o singularizam ou de alguma forma o distinguem na familia portuguesa.

O homem de que foi lavrada esta ficha antropológica: tipo alto, moreno, de cabeça e face sobre o comprido, mento saliente, prima ent e outras qualidades pelo feitio positivo, constância e tenacidade. Tenaz é de todos os atributos o que mais lhe convem. Esta virtude implica, além de génio operoso, firme querer. A sua vida exterior, fortuna, aventura e heroísmo são acima de tudo fruto da vontade Meditou ter água com que regar o seu quartel minúsculo de teijões, e vai com a mina pelo cêrro dentro até sangrar a veia que lhe há de encher a pocinha que no topo da fazenda dormia debaixo de merugens, ao som de duas ras caturre iras, ou espelha um céu de iluminura. Saibra o morro para plantar dois bacelos. Sacha três vezes o centeio. Rega quatro vezes o milho. Debulha, vagem a vagem a sua colheita de feijoal. No tempo dos ninhos passa a manhã à espreita de um casal de perdizes para lhes roubar os ovos. Percorre três, quatro aldeias com um pedaço de pão no estomago até bufarinhar a canastra de sardinha. Como Jacob, aguenta no Brasii todos os pontapés do patrão até lhe casar com a filha e ser sócio da loja. No Serviço de Deus e Casa Roubada escreve-se a respeito de Milfomes, figura representativa do beirão popular, filho da livre natureza: «A sua fisionomia era da própria serra, tendo a alegre e descuidosa fleugma da água perdida pelos chavascais, a ligeireza, sem causa nem rasto do vento, a frugalidade de um láparo e ardil do raposo e em certas horas a ferocidade do lobo.»

Caminho de Ferro

SABUGOSA =



BEIRA ALTA-(Portugal)

A HORA de DESPERTAR ...

Por Manuel Nunes

É indubitável que, os povos, tanto mais progridem quanto maior fôr o grau de sua cultura.

Estão neste caso os situados a Norte do Concelho de Castanheira-de-Pêra que se fôssem mais estudiosos nos princípios nobres de uma cultura sã e portanto cônscios dos seus direitos — já que direitos lhes são impostos — e unidos como um só homem, decerto que não teriam sido votados ao esquecimento por quem de direito, nas suas mais instantes necessidades e, consequentemente disfrutariam de melhores condições de vida na sociedade presente.

Vem isto a propósito de importantes afirmações insertas em «O Castanheirense» de I de Novembro próximo passado que, na sua singeleza revelam verdades bem amargas, ácerca do ramal que ligasse os referidos povos, começado há dezenas de anos, a partir dos Coentrais, pelo então fervoroso benemérito Manuel Antunes Ceppas, de saudosa memória.

Se a importante obra, então iniciada, tivesse encontrado decidido apoio moral e material de todos os conterrâneos como era obvio, a obra supracitada, de princípio vital para os mesmos, teria sido concluída a bem de todos, por quanto, tratando-se de um respeitável aglomerado de povoados de gente ordeira e humilde trabalhadora, bem merecia ser olhada mais serio pelas edilidades.

Certo é, porém, que, já nesse tempo em Pêra, individualidades mais em destaque algo fizeram para que a obra chegasse ao almejado

fim a que se destinava, que era o de ligar os referidos povos da Sapateira, Bolo, Pêra, Pisões, Sernadas e Coentrais, não só por estrada, como em comunhão de bem viver. Mas os seus aturados esforços resultaram infrutíferos e foi então que, rasgaram o ramal que liga Pêra à Estrada Nacional, ao tempo n.º 54-2.ª, por onde ainda os seus habitantes se servem, à falta de outro melhor.

De facto, observa-se com pesar que, nos supracitados povos, os seus componentes áparte uns poucos de boa-vontade — possuidores de qualidades de trabalho e iniciativa dignos do maior aprêço, se deixaram assoberbar de modôrra, que os coloca em grau inferior de outros povos mais cultos neste século de desenvolvido progresso.

Pouco atreitos a leituras, a maioria desconhece a azáfama que vai pelo mundo fora, no sentido de melhor hem-estar.

Ihor bem-estar.

Não aproveitando lições de outros povos em adiantado grau de cultura do espírito para ali continuarem quase esquecidos, num dos Vales mais importantes da encantadora Serra da Louzã, apegados a rotinas pouco ou nada proveitosas, neste século das luzes...

Todavia convictos estamos que a a hora de despertar soou, para os laboriosos povos para os laboriosos povos a que nos reportamos e assim, neste novo ano que desponta, novos fitos os nortearão para a defesa de uma causa justa, que é a construção do citado ramal.

Para tanto, porém, é precisa a união de todos, repetimos, solidarizando-se com o jornal «O Castanheirense», que desassombradamente pôz a questão em causa, a bem de todos e promete conduzi-la até onde os seus recursos lho permitam, contando com o tributo devido de cada conterrâneo, conforme suas possibilidades.

Em face do exposto, impõe-se, portanto, além de tudo, o indeclinável dever de cada conterrâneo, digno dêste nome, assinar o jornal que com perseverança pugna pelo progresso da terra que o viu nascer — neste privilegiado canto a que alguém chamou do céu, cheio de belezas naturais que encantam.

No entanto, para mais realçar a beleza desta região impõe-se desde já o dever de todos os seus habitantes plantarem árvores de fruto—todos os homens que plantaram árvores não foi inútil a sua passagem pela terra—pois como laranjeiras e limoeiros que além de embelezarem recreiam o espírito dos que passam cujos frutos constituem alto valor alimentar e curativo de certas doenças, que atacam a Humanidade.

Portanto, mãos à obra, conterrâneos! Parar, é morrer!

Finalmente, seja-nos permitido dizer que estas despretenciosas notas traduzem bem o sentir que nos vai na alma, por vermos satisfeita em breve, as aspirações dos povos, a que nos orgulhamos de pertencer.

Dezembro, 1946.

Polónio Basto & e.

Tipos ÷ Tintas ÷ Máquinas ÷ Papéis ÷ Objectos de escritorio



Agentes da Fábrica JOHN
GIETZ & C.º, da Suiça,
produtora das máquinas
de impressão "PRESTO"
e "AUTO-PRESTO", com
e sem automático



Rua de Santa Teresa, n.º 2

PORTUGAL)

Telegramas: PÊBÊCÊ

Telefone: 4-4-7-8 Códigos: A.B. C

5. * Edição — Bentley's

Companhia Portuguesa de Seda Artificial

SEDE HO PORTO:

R. do Monte dos Burgos, 494

Telef.: 1 6171 — Teleg.: Sotam — Porto

REPRESENTANTES DE:

AGENCIA EM LISBOA:

Rua do Corpo Santo, 15.2.

Telefone: 2 0262

rekomuhke s. a. Rorschach

SUIÇA

Fios de seda artificial. Papel transparente «Cellux»

SANDOZ S. A. -- BAKE SUIÇA

Anilinas, produtos químicos e agrícolas

Establissements Benninger S. A. — Uzwil-Suiça

Máquinas para a indústria téxtil

Nosso representante para os produtos (SANDOZ) em Castanheira-de-Pêra e sua região

Marcolino Filipe David Tomaz

Castanheira-de - Pêra — TROVISCAL

O GERENTE



A fotografia do Gerente das Oficinas Gráficas de Ribeira de Pêra, Limitada, é quase do tempo de transição de menino para homem. A' falta de outra rebuscamos o arquivo e aqui a estampamos, sem autorização prévia do retratado. Como o dia permite transgressões, quer Ilídio José Coelho queira ou não, nosso punho desliza gostosamente sóbre os «linguados» que fornecerão justa prosa a ocupar bem merecido espaço deste periódico. Quem redige estas linhas é

escalpelizador de almas... Vive, diáriamente, em contacto com essa joia de rapaz - pois é muito novo ainda-e analiza-lhe de perto os nobres sentimentos que

dimanam do seu eu.

Ilídio José Coelho não pertence a essa geração de petulantes mercadores da valores... Ele possue o valor natural da honestidade; o valor inegualável da dedicação; o valor nato do leal convívio, e o valor precioso de uma só palavra.

Podia gozar a sua mocidade à forma de muito cinéfilo, mas prefere a labuta quotidiana entre os seus subordinados que o estimam e respeitam, dando ordens. orientando com experiência e saber, acudindo a necessidades de vida do empregado que o procura, sempre afável, sem negativa, animador.

Mantemos admiração por Ilídio José Coelho, de quem somos apagado auxiliar, mas seu dedicadissimo colaborador, e, por assim ser, aqui manifestamos ao moço Gerente a nossa indestrutivel simpatia.

Há alguém que conheça Ilídio José Coelho que discorde destas palarras?

Ferreira Rodrigues & C.

Armazém de Papelaria

SECÇÃO DE

COLONIAIS

Telefone: 7-9-7-7

39, Largo de S. Domingos, 41

PORTO

Respondemos por todos: Não!

P. da S.

RETALBOS)

Esta palavra charada...

Quem inventou o nome de charada não se sabe. Quem criou o passatempo, tanto de gosto, ainda, dos homens do nosso tempo, muito menos se conhece.

Maigne, porém, que muito se dedicou a investigações de carácter histórico e enciclopédico, informa quem o lê de que, durante muitas epocas — como hoje na moderna espionagem - a charada era utilizada para jazer correr ideias, conceitos e informações velados à opinião pública, pelo que foi proibido e perseguido o seu cultivo.

Como teria nascido essa adestrada expressão de inteligência hu-

O tempo tudo reveste de incógnitas e mal pode ir além de suposição a ideia que, no século XV, a charada aparecia, pela primeira vez, na sua forma actual, na velha Picardia, por ocasião do Carnaval.

A verdade, porém, é que na estrada de Delfos nos surge já a esfinge a propôr enigmas e charadas à solução dos que passam — enigmas e charadas que se chamavam Gryphos e aos quais só Edipo pode ou soube responder.

- Qual é o animal que anda sôbre quatro pés de manha, sôbre dois ao meio-dia e sôbre três à noite?

Edipo achou a solução da charada — e isso valeu o suicídio da Esfinge e um amargo casamento com a própria mai do decifrador, que era Jocasta — nos termos filosóficos sabidos:

- «O homem é o animal de que falas, pois se arrasta pelo chão quando é menino, caminha erecto na idade adulta e, na velhice, marcha encostado à bengala».

E' claro que a ciência moderna não pode encarar sériamente a própria mitologia. Mas, se as investigações de Maigne não conseguiram romper para lá do século XV e Larousse nada adianta a tal respeito, teremos de concluir que esta palavra charada... continúa por decifrar...

Quirino Sampaio mèdico

Doenças da bôca e dentes

Louza

Em Castanheira-de-Pêra

A's quintas-feiras, das 10 às 14 horas No Hospital de S. José

PARA A INDÚSTRIA DE LAIFÍCIOS

L. FARGE, L.DA

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197

Endereço telegráfico: EGRAF-Port

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha



Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanificios nossa cliente



(josé Coelho Junior — Castanheira de Pêra (António Pereira Pais Espiga — Covilhã

Fábrica Completa de Lanifícios

PONTE DE S. SIMAO





Xadrezes Sorrubecos

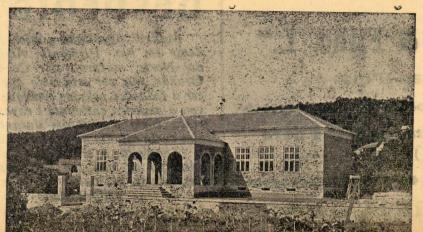


Tomaz Morgado Henriques, L.da

TELEFONE: 27

Figueiró-dos-Vinhos

Terra de Trabalho e Oiro...



CASTANHEIRA-de-PÊRA /// Escola Viscondessa de Nova Granada

Armazém Tomarense apéis

Papéis da Prado, Matrena, Porto de Cavaleiros, Caima, Abelheira, Ota, Almonda, etc. ARTIGOS ESCOLARES

> Os melhores cadernos escolares do País

Avenida Condestável D. Nuno Alvares Pereira

> Telefone: 3-2-8-3 TOMPAR

THE THE THE THE HAS NOT THE WAS NOT THE THE THE THE THE



Noventa e um

No dia 15 de De-zembro entrou na anos! provecta idade de 92

anos o nosso brilhante colega «A Aurora do Lima», glorioso bi-semanário que se publica na formosa cidade do Minho — Viana-do-

-Castelo.

Toda a Imprensa do Império tem manifestado a sua simpatia pelo velho pioneiro — manifestação a que nos associamos, esperando abraçar o seu disco Director, sr. Bernardo Fernando. digno Director, sr. Bernardo Fernan-des Pereira da Silva, o mais antigo jornalista português, no próximo cen-tenário do seu periódico.

Até lá muitos votos de prosperidades.

TIM interessante trecho desta Terra de Trabalho e Oiro - um trecho que nos fornece aspectos deliciosos, como

um encantador retalho do Parque da Casa da Criança; esplêndidos prédios com vidraças a lantejoularem ao sol glorioso; a fachada do amplo edifício da Câmara Municipal; o ninho acolhedor da Escola Viscondessa de Nova Granada, e, muito mais... que os olhos, com facilidade, podem abarcar.

CASA DOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.a. L.da 32, 33, 34-Largo 28 de Malo 35, 36, 37-GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atoalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Henrique Lacerda

ADVOGADO FIGUEIRÓ DOS VINHOS TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS FEIRAS

FABRICAS DE CORTUMES E CORREIAS DE TRANSMISSAD

Todos os utensílios de couro para as indústrias

Paulo da Silva Ranito

Fundadas em 1873 por SEBASTIÃO DA SILVA RANITO

FABRICA DE CORREIAS Ponte da Pedra | S. Mamede de Infesta | Telef. S M 13-22

TABRICA DE CORTUMES «A CONTINENTAL» Ponte da Pedra | Telef. S M 13 | Teleg. LANIÈRES | S. Mamede

Porto - PORTUGAL

Virgilio Salvador Ricardo da Costa, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que: José Antunes, pretende licença para instalar uma fábrica de meias, barretes e tinturaria, incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação e perigo de incêndio, emanações nocivas e inquinação de águas, no lugar de Sarnadas, freguesia de Castanheira de Pêra, distrito de Leiria, confrontando ao Nascente com o Ribeiro, Poente, Norte e Sul com a propriedade de Manuel Coelho.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubre, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e fixação dêste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8769, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 1II.

Coimbra e Secretaria da 2. Circunscrição Industrial, em 22 de Novembro de 1946.

> O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Virgílio Salvador Ricardo da Costa

Armazém de Papelaria

Eduardo Vieira



OBJECTOS PARA ESCRITÓRIO E ARZIGOS DE HOVIDADE



Rua de Cedofeita, 318-322

Enderêço telegráfico: EVIEIRA - Telefone: 5-4-8-8 ---

PORTO

帝中帝帝帝帝帝帝帝帝帝帝

Carvão-Lenhas

SRS. INDUSTRIAIS:

Substituam estes combustiveis, converiendo para óleos «Fuel-Oil» (Nafta) o sistema de queima das vossas caldeiras — maritimas ou terrestres.

Peçam orçamentos para instalações com queimadores próprios, a

Henrique Varanga & Filho, L.da

Figueira-da-Foz

Fundição completa de todas as peças para TODAS AS INDÚSTRIAS

MÁQUINAS AGRICOLAS

O Grémio da Lavoura de Figueiró-dos-Vinhos, Castanheira-de-Pêra e Pedrógão Grande, recebe propostas para o preenchimento do lugar de Gerente, de indivíduos que se encontrem nas condições legais, exigidas por Lei para o exercío dêste cargo, pelo espaço de quinze dias a contar desta data.

As propostas devem ser enviadas dentro dêste prazo à Secretaria do Grémio, onde se pres tarão todos os esclarecimentos a todos os interessados.

DESPEDIDA

Manuel Agostinho Júnior, residente em No. Plymonth, América do Norte, natural de Coentral Grande, vem por êste meio agradecer a todas as pessoas com que privou a maneira cativante e cavalheiresca como o trataram durante a sua curta estadia na sua terra natal.

Aproveita o ensejo para pedir desculpa de não lhe ser possível despedir-se, pessoalmente, da maioria de seus amigos dado o pouco tempo ao seu dispôr, oferecendo os seus fracos préstimos naquela cidade da América do Norte, deixando assim expressa a sua sincera gra-

Maravilha

entre Riquezas de Portugal

O transcendente poder do espírito humano, vem de séculos conduzindo junto dos povos a civilização que, na sua imperturbável mar-cha, tudo vai modificando, derruindo, reconstruindo e, sem a humanidade se aperceber, encontra-se na frente dêsse progresso que lhe entrega admiráveis realizações originando aos portugueses do último meio século, esquecer a sua histórica época de quantas conquistas, ousados feitos que não têm suces-

Nunca mais!

Outro tempo, outro pensamento

dirige as nacionalidades. A essa Civilização luz dos povos, devem os homens a facilidade nas transformações de cidades, vilas, mesmo nas aldeias, na

sua função de construtores, as aformoseiam, tentando imitar a Natureza onde não concedeu maravilhas entre quantas riquezas existem dispersas, ainda ignoradas pelos próprios portugueses.

No rigoroso cumprimento da missão em que apostolizamos, di-gnificando, divulgando, qual a função que exerce nas suas nacionalidades essa máxima expressão que difunde o pensamento humano - a Imprensa, dia a dia acompanhamos pari passu o seu caminhar pelo braço da evolução, não, essa indistrualizada, sim, aquela que continúa lutando, combatendo pela vitória de causas nobres, solução dos problemas que, directamente inte-ressam ao Povo alma das Pátrias!

Propagamos activamente de terra

em terra, das margens do Guadiana a Mondariz, qual o Progresso que nos últimos anos enriquece nosso Contínente, Ilhas Adjacentes e

Compete aos pariódicos da província nos limites da sua função social, noticiar as constantes crónicas que submetemos ao aprêço, conhecimento da opinião pública, embora pobres de estilo, artística narrativa, distanciadas do talento que exige a exposição, sôbre esta Maravilha que fomos visitar, pro curando-a nesse cantado Minho Jardim de Portugal, estava junto daquêle Amor Perfeito que é Santo Tirso, feiticeira parcela de terreno no coração da Província. A Vila, de ano a ano, mais atraente pela formosura, progredindo continuamente, beijada por aquela garganta de palatina — o Rio Ave. Escrínio de Arte, Paraíso Arquitectónico, assombra visitar o Monte onde recebe Nossa Senhora da Assunção, na sua majestosa Basílica que o olhar dos visitantes jámais deixará de saudar!

Ouvimos o notável jurisconsulto, gigante na mais difícil de todas as artes-a Eloquência, sr. dr. Adriano Fernandes, presidente do Município que descreveu a principal acção em colaboração preciosa dos colegas camaristas e talentoso cooperador secretariando cidadão Alberto Carneiro: Palácio destinado Edificio do Município, Novo Mercado no centro da Vila, rápido acesso ao Majestoso Parque, Am-

CAMIONS



PRODUTO DA

"International Harvester"

Continuamos a aceitar inscrições para as remessas a chegar

Agentes para o centro do País:

Afonso Vieira Henriques,

AVENIDA NAVARRO, 54-54-A

Telefones: 3 591 e 3 780

COIMBRA

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Tôrres Novas, Santarém e Lisboa Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da sede—Figueiró dos vinhos—Telefone 5

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral Bolo	5,55	5,40	Coentral Bolo	18,50	17,50

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa R. da Palma, 268-Tel. 28114

plificação e alargamento da artéria Sousa Trepa.

No escrupuloso cumprimento do plano de Fomento, enriquecendo o Concelho de Santo Tirso, a Vereação Municipal, dia 17 de Novembro, inaugurou o busto em bronze do grande Benemérito Albino Sousa Cruz, a cerimónia foi revestida de desusada pompa. Testemunho eterno da gratidão do Concelho.

Pelo braço do entusiásmo falou da riqueza da Agricultura, suas artes téxteis e afamados Vinhos Verdes. Salientou a nobreza do Povo, as Caldas da Saúde, A'guas Sulfurosas de seguro êxito, situadas a três quilómetros do Centro da Vila, com superior Colégio de Edu-cação Liceal que, educa anualmente trezentos alunos. Uma jóia das invulgares é Santo Tirso, ladeado das melhores Estradas, facilidade de transportes, começando na moderna Auto-Viação, do categorizado industrial António Penha Ferreira, dilecto filho daquele Amor Perfeito no Minho.

Completando fixa-se o turista viajado que sabe comparar, naquele Majestoso «Hotel Cidnay», dos raros na província desde Fevereiro de 1931, o dirige Mestre Hoteleiro a quem se deve a actual progressiva indústria, senhor José Manuel So-leiro, estabeleceu Escola, o que exemplificam seu Filho José Soleiro, no Palácio Hotel Estoril; o Genro, António Gonçalves, na Direcção do Grande Hotel, do Parque e Casino.

Por estas crónicas iremos despertando no Povo a clara noção e preciso sentimento Regional e de

R. Laranjeira

Os animais

E' preciso que estendamos a nossa gratidão e portanto a nossa estima aos entes que nos ajudam a ganhar o pão de cada dia. Aos nossos creados, portanto, aos serviçais que com o nome de trabalhadores e operários temos de nossa conta, quer em casa quer no campo, umas vezes em terra outras no mar? Sim, a esses e a mais alguém, que da mesma forma concorre para que aufiramos os meios de subsistência.

José Silvestre no-lo diz, ordenando ou aconselhando a que estendamos a nossa gratidão também aos animais. Realmente, os animais são pessoas, embora de menos categoria. Não eram pessoas os escravos? Aqueles que os possuiam negavam--lhe êsse qualificativo, mas nós sabemos avaliar quanta razão faltava a êsses possuidores.

«Sejamos justos, diz ainda Iosé Silveira Ribeiro respeitando o direito que os animais têm ao bom tratamento por terem sido criados por Deus e serem sensíveis à dôr».

A' dôr e ao prazer. Não serão êstes dois pontos de contacto connosco suficientes, sô por si, para que devamos considerá-los pessoas embora de uma categoria inferior à nossa?

Havemos de honrar e considerar o creado, o trabalhador, etc., e não havemos de considerar também o animal que não só nos serve como também nos ama? E' possível amar o pedreiro e não dispensar um pouco dêsse amor à ferramenta de que êle usa para o bom exercício do seu mester? - Luiz Leitão



Im campo de concentração

Castanheira-de-Pêra I

Pelo P.º Belarmino Soeiro

Perdôa-me, caro leitor, se o título dêste artigo ferir a tua columbina sensibilidade, apresentando à imaginação esses infernais campos, inspirados pelo espírito de extermínio e de vingança, onde centenas de milhar de pessoas, cheias de bondade e patriotismo, sofreram as maiores torturas e até a própria morte, pelo único crime de serem vencidas.

Não é este o meu intento, mas sim falar de um campo de concentração, (que esta analogia passe) que, na moderna e bela vila de Castanheira-de-Pêra, está em projecto - o futuro asilo. Aqui, pessoas também vencidas, não por qualquer externo inimigo, mas pela velhice, pela inva-lídez e infortúnio, serão voluntária-mente internadas. Porém, que contraste entre aqueles e êste! Fazer sofrer é o apanágio dos primeiros. Pairarão pelo contrário sobre o se-gundo as asas cândidas da caridade, que se esforçará ao máximo por dar alívio aos sofredores, mitigando-lhes a fome, e cobrindo-lhe a nudez. Jámais essa falange de irmãos nossos, abandonados da sorte, se verá, nas ruas de Castanheira-de-Pêra, arrostando com dificuldade os últimos tristes dias da sua aborrecida vida. Serão recebidos no seio da fraternidade cristã. Tão humanitária obra é realmente simpática, pois vem curar uma grave chaga social. Fazer caridade é cumprir o maior de todos os mandamentos; é ouvir a voz do divino Mestre.

0

Passam-me, neste momento, pela mente, as mais belas páginas da história eclesiástica. A Igreja, seguindo o exemplo e cumprindo o novo mandamento do seu divino Fundador, tem exercido através dos séculos a caridade social. Afigura-se-me vêr essas magníficas manifestações de assistência na primitiva Igreja: As ágapes, refeições diárias, dadas na ocasião da comunhão, pelos cristãos ricos aos pobres, e na altura da morte de pessoa de família, ou da festa de algum mártir cristão; a instituição de diáconos e diaconisas homens e mulheres, encarregados de visitarem as casas pobres, fazerem as listas dos que precisavam, para serem socorridos pelos apóstolos, bispos e cristãos ricos: a entrega de avultadas quantias, provenientes da venda voluntária de bens, de peditórios feitos nas reuniões cristãs, aos apóstolos e bispos que sustentávam diáriamente muitos milhares de tamilias; o bom acolhimento, durante os três séculos de dura perseguição, dado, em suas casas, aos orfãos, viúvas e doentes, pelos bispos; os asilos e hospitais que continham muitas centenas de pessoas doentes e inválidas, depois de concedida a liberdade à Igreja por Constantino, mandados edificar, sustentados e dirigidos pelos bispos e cristãos ricos.

Não quero falar-te, meu caro leitor, da imensa influência que a Igreja exerceu na abolição da escravatura, dando ordens sacras aos escravos, venerando os, sendo mártires da fé, prègando a igualdade e a fraternidade cristãs, e a compaixão aos senhores para com os seus súbdi-

tos; nem da liberdade de inumeráveis cativos, feita pelos religiosos Trinitários e da Nossa Senhora das Mercês que se sujeitavam aos maiores sacrifícios — à sua venda e à própria morte para resgatarem o maior número.

Desejo sim que me acompanhes em espírito na visita às casas de beneficência, espalhadas por êste Portugal fora. Veem-se desde a fundação da nossa nacionalidade alberga-rias para pobres peregrinos, gafarias para leprosos, evitando o contágio: recolhimento para preservação e regeneração de mulheres; creches para crianças; enfermagens, onde doentes pobres se internam e recebem gratuitamente socorros, etc., etc.. Obras admiráveis estas fundadas, dirigidas, mantidas e servidas a maior parte pela Igreja. São hoje mais de mil, no país. E essa rêde formidável das conferências de S. Vicente de Paula, quanto bem não tem feito nas freguesias! Entremos nos seminários. Contemos os seminaristas. São milhares, quase todos pobres, alimentados pela Igreja, sem o Estado custear despeza alguma. Alonguemos os olhos ao Vaticano. Aqui existe um Secretariado fundado pelo actual Sumo Pontífice Pio XII.

Socorrer com avultadas esmolas os povos devastados pela guerra, pelos ciclones e pelas cheias; traquilizar numerosas famílias inquietas por desconhecerem o paradeiro dos seus membros, dando-lhes notícias suas, não atendendo a diferenças de religião ou de raças, eis o seu objecto. Não há dôr alguma para a qual a Igreja não tenha uma palavra de consolação, um auxílio, um socôrro. Nunca se viram antes de Cristo tão admiráveis obras de caridade. Foi Ele quem a ensinou ao mundo. A sua doutrina tem sido ouvida e praticada por muitos.

Ø

Também nos campos banhados pela Ribeira de Pêra se cultiva muito a bela rosa da caridade. Atestam-no o Hospital, a Casa da Criança e o futuro Asilo.

L' que o egoísmo é repugnante. Quem não se sente revoltado, ao assistir a revoltantes cenas, resultado de tão abominável vício? Um indivíduo, alquebrado de anos e muitos trabalhos, estende a mão calosa a um grupo de homens endinheirados. Estes olham com desdem o infeliz que lhes pede esmola em nome desse Deus que os chamou à existência, lhes conserva a vida e aumenta os seus cabedais.

«Vá trabalhar!» Mandam mal humorados esses que às vezes mal sabem o que isso é, e vivem na ociosidade, e talvez não tenham trabalho para lhe darem e estejam a gozar algum fruto duma vida inteira dêsse misero homem que mal remunerado a passou no cultivo dos seus campos ou na sua fábrica, e agora é lançaqo fora, como uma máquina velha, sem préstimo, e não se lhe dá uma esmola! Hoje felizmente são menos frequentes.

O Estado Novo com a sua lei tem melhorado a situação dêsses infelizes, embora muitos não saibam

aproveitar-se dele.

Sim, vêem-se à noite as tabernas cheias de homens, malbaratando, na

embriaguez e no jôgo, o salário destinado à sua sustentação e dos seus, dinheiro êsse que tanto lhe custa a ganhar, e só serve para a satisfação dos seus vícios e caprichos, levando muitas vezes o mal-estar à família. E são quase sempre êstes que já bem influenciados pelo deus baco, vociferam contra os patrões, e desejam um outro regime de distribuição de bens. Não pensam no futuro, nem na doença, nem na velhice, ou em seus descendentes.

Ora, isto não está certo. Se a Justiça. bem impregnada de caridade cristã, fôr praticada, a miséria desaparecerá com os descendentes, pois tanto os ricos como os pobres cumprirão o seu dever, e o bem-estar material e social virá substituí-la.

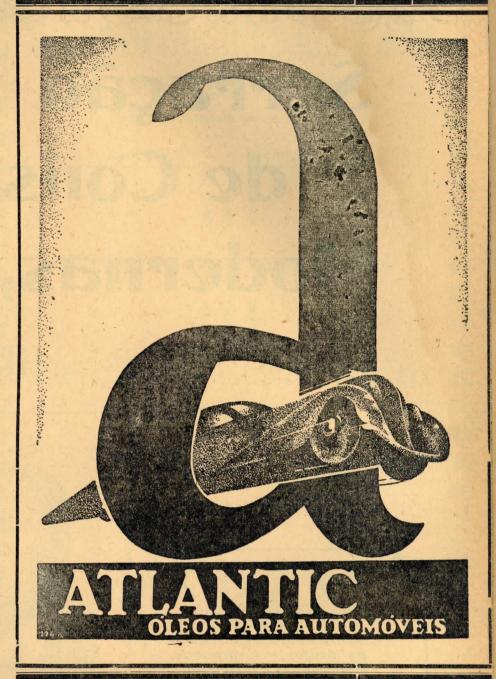
Erguer, portanto, o asilo é os ricos ouvirem a voz da consciência de fazer o bem. E' sentirem a alegria espiritual por tere m afastado a ave negra da fome que voeja em muitos lares.

Ø

Meu caro leitor: Todos os que tenham seguido o recto caminho da virtude, do dever e da honra, visto nos sofrimentos do próximo os sofrimentos de Jesus, e os mitigados, são crédores de Cristo que diz: «Tudo que fizerdes aos meus pequeninos será feito a mim, têm o nome escrito no céu, no coração de Deus. Se não me acreditas tem fé nas Escrituras: Deus é a Caridade».

Bem hajam pois os iniciadores e colaboradores de tão benéfica Obra.

S paixões são como as roseiras trepadeiras; quanto mais se cortam, mais crescem. Sacrificar o coração ao espírito é o mesmo que derreter a pérola para lhe guardar a cinza.



Papelaria

Fernandes

Fernandes & C. L.

2

- Tipografia
- Papelaria
- Encadernação

00

Completo sortido de artigos de Papelaria // Artigos para Escritório Livros e Material Escolar

Sempre aos melhores PREÇOS DO MERCADO

@@

Sede:

Praça do Brasil, n.º 13
Telef.: PBX 6-1-1-1-6

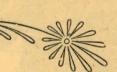
Filial:

Rua do Ouro, n.º 145
Telef.: 2-8-3-6-1

Lisboa

Serração Mecânica de Construções Modernas, Limitada

SE CHE WERE WERE WERE WERE

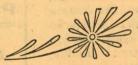


1946

1947

Manuel Rodrigues Diniz

Cumprimenta os seus Ex. mos Clientes Amigos e Conterrâneos, desejando lhes Ano próspero.

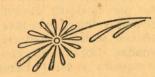




Manuel R. Diniz

Digno SÓCIO - GERENTE da

S. M. de C. M. L. da



Serração M. de C. M., L.da

Deseja um Ano Novo muito feliz a todos os seus Clientes e Amigos



Estância de Madeiras Nacionais e Estrangeiras

Serração e Carpintaria Mecânica

CASAL DE SANTA LUZIA

(A' ESTEFANIA - Telefone: 4 6627

Lisboa

2). Ex.ª

Seseja vestir bem?

EXPERIMENTE comprar, sem demora, uma GABARDINE ou um bom SOBRETUDO impermeável, MARCA

"WITGRID"

A marca que se impõe. Não exite!

Faça hoje mesmo o seu pedido aos únicos
Fabricantes no Pais

Gonçalves & Fonseca

Rua Elisio de Melo, nº 28-2.º (Salão) — Telefone: 6-9-0-2 — PORTO.

> Revendedor em Castanheira de - Pêra José Coelho Júnior

RARRER RARER RARRER RARRER RARRER RARRER RARRER RARRER RARRER RAR

Vicente Mendes Mirrado

(HERDEIROS)

CASA FUNDADA EM 1889

Telefone: SEIS

Teleg .: VIMENRADO

Fàbrica de Lanifícios

FIAÇÃO ZECELAGEM ZIRZURARIA ULTIMAÇÃO

MAÇÃO (BEIRABAIXA)

Fábrica de Lanifícios

do RAPOS -

DE -

Manuel Barata Salgueiro

Castanheira-de-Pera RAPOS Diamantino Carvalho

YABRICARTE DE MEIAS, PEÚGAS E LUVAS DE LÃ

PÊRA — Castanheira-de-Pêra

Augusto Rodrigues Soeiro

0

Fábrica de Lanificios



TROVISCAL

Castanheira - de - Pêra

CHAILES



Eduardo Domingues



TROVISCAL

Castanheira-de-Pêra

Manuel Duarte Prior

Fabricante de Meias, Peúgas e Luvas de Lã

Sarzedas de São Pedro Castanheira-de-Pêra

Anibal Silveira Herdade Figueiro-dos-Vinhos

Figueiró-dos-Vinhos
Telefone 21

Agente e Depositário dos Produtos:
LUSALITE (Fibro-Cimento). Cimento
Liz. Cal Hidráulica Martingança. Lâm-

padas «Tungsram». Materiais de Construção. Eléctricos. Óleos. Adubos Orgânicos Comissões e Consignações loaquim Henriques Campos, Júnior

0

Mercearias. Vinhos. Miudezas. Fazendas. Produtos Resionosos

(

MEGA DE S. DOMINGOS

ALVARES

Sociedade Comercial Carlos Farinha, C.da

班派派派派派派派派派派派派派派派派派派派派派派派班

Rua dos Sapateiros, 30-3.º

Telefone: 24766 e 24767

Telegramas Socarfar

LISBOA

Anilinas — Produtos Químicos — Correias e Acessórios para a Indústria Textil

Agente em CASTANHEIRA DE PERA

José Coelho Júnior

F. DE L'ANIFICIOS

Marcolino C. da Conceição & C.ª

TROVISCAL

Castanheira de Pera

经租租租租租租租租租租租租租租

José Antunes

Fábrica de Barretes

Meias = Peúgas = Camisolas = Luvas de Lã

SARNADAS

Castanheira de Pera

SOCIEDADE INDUSTRIAL DO BOLO, L. Fábrica de Lanifícios

CARDAÇÃO FIAÇÃO ULTIMAÇÃO

BOLO

Castanheira de Pera

FÁBRICA DE LANIFÍCIOS DA VÁRZEA

ARREST REPRESENT

DE

José Tomaz Henriques, Sucs. L.da

Fábrica Completa de Lanificios

TELEFONE: 29

VARZEA

Castanheira de Pera

CONTO

Maria Ruth

Presente Menino Jesus

ITE de Natal luarenta e fria. Na rua solitária, indiferente ao vento cortante que lhe fustigava a mimosa pele, achava-se Maria Tereza, depois de mais uma vez ir implorar em vão o perdão de seu velho pai, fidalgo cioso dos seus pergaminhos e riqueza.

Hesitante, dirigiu-se a uma casa de penhores e tirando das orelhas dois magnificos brilhantes, restos de antigas grandezas, entrou com passo vacilante.

O dono da casa, verdadeiro

tipo de ave de rapina, mirou com avidez a soberba jóia, regateou, mas vendo que o negócio era esplêndido, pagou e guardou avaramente no cofre, que abriu faiscante de gemas aos olhos tristes e lacrimonosos de Maria Tereza, os seus lindos brincos. Todas aquelas riquezas acomuladas no cofre parece-ram a Maria Teresa orvalhadas de lágrimas que as haviam molhado

ao passarem das mãos dos donos para as do velho agiota.

Cambaleante, pois os brincos eram a última jóia que possuía do seu adorado Pedro, saiu reprimindo a custo os soluços que lhe saiam do peito, à garganta e quase a sufocavam. Apertando na mão gelada o preço da sua dôr, comprou um lindo casaquinho de agasalho e uma linda boneca minhota, prendas que a sua pequena Maria pedia, nas suas singelas orações, ao Menino Jesus. Mais confortada por ver que a filha ía ter o que tanto ambicionava, entrou com precaução, não fôsse acordá-la, em casa e colocou o casaco e a boneca no sapatinho que a criança deixára na chaminé; dirigiu-se ao quarto da filha que, tranquilamente, dormia vigiada pela velha ama, que não mais a abandonára e quedou-se a contemplar aquela maravilhosa

Muito ao de leve roçou com os lábios as setineas faces da filhinha e ficou horas esquecidas a pensar na sua vida, longo calvá-

rio através de tantos sofrimentos.

ØØØ

Filha de um rico fidalgo, despojára contra a vontade dêste, Pedro, um gentil rapaz de boa família, mas pobre e sem posição. O velho fidalgo amaldiçoou a filha e começou a viver como se ela

tivesse morrido.

Enquanto durou a herança que coubera a Maria Tereza por morte de sua mãi, a vida decorreu feliz. Mas doenças e com elas todos os revezes, visitaram o gentil par. Não tendo outros recursos, resolveu Pedro ir em busca de fortuna, e lá foi para o Brasil, deixando Maria Tereza e uma filhinha de um ano, imersa em profunda mágoa. Muito cedo as cartas começaram a rarear e por fim não teve mais notícias do seu Pedro adorado, que, lá longe, em terras estranhas, travava os mais duros combates para angariar fortuna, sem nunca o conseguir. Começou, então, para Maria Teresa, uma vida de crueis sofrimentos. A pouco e pouco vendeu jóias, roupas e móveis. Vendo-se sem recursos, tentou naquela Noite de Natal aprôximar-se do pai, implorar o seu perdão e o pão da pobre filhinha. Tudo em vão! O rancoroso velho recuzou receber a filha rebelde e ordenou ao seu mordomo que a expulsasse. Foi quando o portão armoreado gemeu nos gonzos e a deixou só e desiludida, que se rezolveu a empenhar os brincos, para que a pequena Maria tivesse, como todos os anos, o presente do Menino Jesus.

Lá estavam o casaco e a boneca, na chaminé, mas quando Maria, criança inteligente e viva, désse pela falta dos brincos, como justificaria a sua ausência? «Como, meu Deus, como?» repetia a pobre tão desventurada. Dirigiu do íntimo do coração magoado uma fervorosa prece Áquele Menino que lá longe, em Belem, nascera

numa noite fria como aquela, abandonado de todos.

Sem saber como, ficou sossegada e tranquila, esperançada e contente, e encostando a fronte dolorida na caminha da filha, ador-

meceu profundamente.

ØØØ

Rompia a aurora quando umas pancadas brandas na porta de entrada, a acordaram em sobressalto. Levantou-se à pressa. Quem seria que áquela hora matinal assim a despertava? Abriu a porta e um grito se lhe escapa dos lábios trémulos e descorados!

Na sua frente estava Pedro que em apertado abraço a cingiu ao peito. Voltava feliz por ter sido o único herdeiro de um tio

riquissimo que lhe morrera no Brasil.

Os lindos brincos ainda êsse dia ornaram as orelhas de Maria Teresa, e a pequena Maria nunca soube as lágrimas que tinham custado a sua mai. Contente e feliz diz sempre: «O Bom Jesus deu--me de presente o meu papá, um casaco e uma boneca»!

A Competidora

Casa ESPECILIZADA em LANIFÍCIOS para homens, senhora e crianças. Algodões, chapelaria, miudezas, etc.. CAPAS à ALENTEJANA

→ de José Augusto Neves → P. da República, 28-29 — TAVIRA

西班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班班

Carlos Farinha LIMITADA



Negociante de las nacionais e estrangeiras e seus desperdícios



Telefone: 2 4491

Teleg: INDUSTIL

RUA DOS SAPATEIROS, 30-2.

LISBOA

Agente em Castanheira-de-Pêra:

José Goelho Júnior

Automóveis

Aceito, para venda sem encargos para os seus proprietários



Facilito trocas



Armando da Cosia

PRAÇA RODRIGUES LOBO

TELEFONE: 64

LEIRIA

CARVALHO **___** & **___** GASTALHO KIMITADA

ARMAZÉM DE PAPELARIA e ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

> Fábrica de envelopes Gomagem de papel

SEDE:

Rua das Flores, 85-93 TELEFONES: 2760-6262 End. teleg.: CLEVER

Porto

FILIAL:

Rua Bemformoso, 150-S/L TELEFONE: 2 9040

Lisboa

Fábrica de Recauchutagem e Vulcanização



A Vencedora Castrense, L.da

Avenida Dr. António José d'Almeida Telef.: 2 009 Apartado 24 VISEU

CASA que mais vantagens e garantias oferece aos AUTOMOBILISTAS!

1946

1947

A Vencedora Castrense, L. da

Apresenta, em nome da Gerência, aos seus Ex. mos Cliente e Amigos, sinceros votos de Boas-Festas e desejos de um Novo-Ano muito prôspero.



Ilídio Tomás Henriques, sócio-gerente de A Vencedora Castrense, Limitada

Comerciante e Industrial

Telefones

Belmonte, 19

Lisboa, 50 308

BELMONTE

(BEIRA - BAIXA)

SAPATARIA

Nogueira & Henriques, E.da



VERDAS DE CALÇAD POR AZACADO

E A RETALBO

Rua do Comércio, 19

R. dos Fanqueiros, 32

LISBOA



Sindicato II. do P. da Indústria de Lanifício

So Distrito de Leiria (Sede em Castanhevra-de-Pêra)

É actual presidente do Sindicato o sr. Manuel Antunes Silva, que em Fevereiro do ano que findou veio substituír o sr. José Montez Carrega, nome que ficará ligado à actividade sindical e corporativista desenvolvida por esta associação E' secretário da Direcção o sr. Joaquim Manuel Fonseca da Silva e tesoureiro o sr. Amadeu de Almeida Foz Cavacas, nomes que dispensam quaisquer apreciações, pelo conceito que gozam. Vogais, José Henriques Veras e Antenor Lopes Ferreira, êste último no cargo de presidente, também, da Secção de Mira de Aire. Na mesa da Assembleia Geral, presentemente vaga de dois lugares, o sr Filipe Rodrigues da Conceição, é secretário condigno.

Há pois muito a esperar desta Direcção que já deu provas de quanto



Manuel Antunes Silva
Presidente do S. N. P. I. L.

vale durante dois anos, na defeza dos interêsses de 2.00 O associados daquêle Sindicato.

Merece, também, referência o nome do sr. Sertório dos Santos Fonseca, que desempenha com proficiência o cargo de chefe de Secretaria do mesmo organismo.

Provenientes da Caixa de Abôno de Familia, são pagos pelo Sindicato, os abonos de família aos operários que a isso têm direito, andando à roda de 50.000500 a importância dispendida todos os meses para êsse fim. A par disto têm os operários direito a outros valiosos beneficios, como médico, enfermagem, medicamentos e tudo o mais tendente a proteger e beneficiar a saúde dos associados do Sindicato. Tudo isto está à sua disposição através do Posto Médico que a Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios, tem montado nesta Vila.

Importa neste capítulo mencionar muito especialmente a pessoa que está à frente do referido Pôsto, o Sr. Dr. Ernesto Marreca David, distinto clínico, bastante querido e considerado nesta Vila e seu Concelho.

A Banda de Música, entregue em tempos pela Câmara Municipal a êste organismo, continúa sob a gerência dêste Sindicato. Como regente da Banda, da qual fazem parte trabalhadores da Indústria de Lanificios, continúa o sr. Tibério Rodrigues Fernandes, que está à altura do cargo que lhe foi conferido.

Acrescente-se, no entanto que a

O Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Lanificios do Distrito de Leiria é um organismo que, desde a data da sua constituição, por alvará de 27 de Junho de 1939, tem desenvolvido

uma acção verdadeiramente útil e notável em prol e defeza do trabalhador seu associado.

Contando cêrca de 2.000 inscritos, abrangendo não só a área do Conce-lho de Castanheira-de-Pêra, mas também o pessoal das fábricas de lanificios do Avelar, Lousa, Pedrógão Grande e Mira de Aire, é grande e quanto maior mais útil e necessária se torna a missão a desempenhar.

Decorridos são já sete anos de vida sindical que êste

organismo conta, nunca se afastando das normas e fins de protecção para que foi criado: «velar pelo cumprimento das leis de protecção ao trabalho», sobretudo na parte respeitante à sua duração máxima, salários e ordenados, descanso semanal, etc.

Tendo como único e principal fim em vista praticar tudo quanto redunde em benefício do trabalhador da indústria téxtil, o Sindicato de Castauheira de Péra possue já uma longa folha de serviços que muito o acreditam, como um dos principais da província, e

cuja acção desenvolvida através desta meia-dúzia de anos muito tem sido tomada em consideração pelas entidades superiores competentes, que justamente reconhecem a utilidade e a razão de ser dêste organismo.

Propriamente em Castanheira--de-Pêra, local da sua sede, mais que a conta em que é tido pelas entidades administrativas, mais que o prestígio de que goza perante os restantes organismos, importa o apoio e o carinho de que goza entre a sua numerosa massa associativa. E o Sindicato pode considerar com certo orgulho não descabido, o facto de poder ser reconhecida como útil e apoiada como de interêsse para a

classe que representa, a missão que tem vindo desempenhando.

Não nos queremos alongar demais nestas considerações.

Propuzemo-nos dedicar uma das páginas dêste número de «O Castanheirense» a um organismo que sempre se tem sabido impôr, e que devéras honra a terra em que tem a sua sede. Bem o merece o Sindicato de Castanheira-de-Péra.

Damos a seguir alguns números e notas que põem em destaque a posição e a actividade de tão útil associação.



Dr. Ernesto Marreca David

Director do Posto Médico da C. S. P.
do Pessoal da I. de Lanificios

manutenção da Banda de Música, ainda que muitos em tal não acreditem, deve dar ao Sindicato mais prejuízos que vantagens. Como se trata de um melhoramento que todas as terras devem prezar possuír, e, no caso que nos interessa, é cheio êste melhoramento de gratas recordações, e com uma carreira um tanto ou quanto tradicionalmente brilhante, era penoso à Direcção dêste Sindicato, pôr de parte esta actividade. E assim, ainda que com bastante sacrifício, a Banda de Música do Sindicato, a Filarmónica de Castanheira-de-Pêra, lá vai singran-do. Eis uma agremiação, um agrupamento regional que bem merecia ser melhor compreendido e mais expressivamente ajudado.

O Sindicato de colaboração com a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, pensou mais uma vez levar a cabo a iniciativa da Colónia Balnear Infantil, abrindo as necessárias inscrições. Estas foram de tal frequência que, a Direcção do Sindicato deliberou organizar dois turnos.

Registou-se a adesão e o apoio dados a esta iniciativa pela classe patronal da indústria de lanifícios, e por diversas entidades administrativas, graças às quais foi possível dar à obra da Colónia Balnear Infantil um maior alcance beneficente.

O total dos donativos foi de

9.698#90, o que é devéras signifi-

A Direcção do Sindicato está muito grata pela forma como as entidades e organismos acima mencionados contribuiram para o bom êxito daquela iniciativa. A Direcção também já agradeceu a cada um dos contribuintes o auxílio e apoio prestados.

O primeiro turno, composto de 13 crianças, partiu para a praia da Foz do Arelho, dando entrada na Colónia Balnear Intantil «General Carmona», em 25 de Junho último. O turno teve o estágio de 15 dias regressando no dia 9 de Julho seguinte.

O segundo turno, composto igualmente por mais 15 crianças, partiu no dia 24 de Setembro, regressando no dia 9 de Outubro seguinte.

Mais uma vez, pois, agradece a Direcção a todos quantos deram a sua generosa colaboração, tornando possível um tal êxito, crendo que assim interpreta o reconhecimento dos beneficiados. Devendo os sócios do Sindicato sentir orgulho pela sua associação que não se cansa de velar pelo bem de cada um.

O Sindicato teve em tem uma Comissão Desportiva Cultural que se converteu depois nu Centro de Alegria no Trabalho, ob gatóriamente. A actividade dêste Ce tro, se bem que no decorrer do a que findou tivesse sido muito lin tada, toi muito desenvolvida anteriomente.

As modalidades de futebol, representações teatrais, frequência sala de leitura e jogos lícitos, bibliteca, etc., foram bastante concorrid pelos associados dêste Sindicato e, porventura estão um tanto ou quan paradas estas actividades, êste fac se deve ao desinterêsse e apatia quamentávelmente se está verificancentre o operário, o qual, a maior das vezes, prefere passar as horas vegas nas tabernas. Não só por ês



Sertório dos Santos Fonseca Chefe da Secretaria do S. N. P. I. L.

motivo, cremos, o Sindicato não ten desenvolvido maior actividade por in termédio do C. A. T. em benefício recreativo e cultural dos seus associa dos, mas também se nos afigura que o factor financeiro igualmente tem in fluenciado neste estado de coisas Chegou ao nosso conhecimento, até que o Sindicato tinha encerrado todas as actividades do C. A. T., excepto a Colónia Balnear, Banda de Música «Jazz» e Biblioteca, mas acreditamos que em tal não se pensou, pois, com menção especial e digna de elogios, a Colónia Balnear funcionou — e por sinal com dois turnos — na época finda, a Banda de Música e o «Jazz» continuam a tocar, e a Biblioteca continúa aberta a todos os sócios que requisitarem livros e publicações que a mesma conta em número aproximado de seiscentos volumes.

A-pesar-do desinterêsse que atrás frisamos, o Sindicato não desiste de insistir junto dos seus associados, para que se instruam e divirtam com os meios que põe à sua disposição. Se melhores resultados, pois, se não verificam é mais por culpa daqueles que, tendo até neste campo reconhecidos benefícios, vantagens e direitos, não os querem ou não sabem aproveitá los.

A terminar, consta-nos que no presente ano o Sindicato vai tentar, mais uma vez, pôr em franca actividade todas as suas modalidades recreativas e culturais.

Oxalá que os seus associados correspondam ao interêsse que por êles demonstram os seus dirigentes.

Za Za Wa

Câmara Municipal de Castanheira-de-Pêra

Recenseamento Eleitoral EDITAL

Flávio Ferreira Henriques, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de CASTANHEIRA-DE-PÊRA:

Faz saber, nos termos e para os efei os do art. 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que is operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1947, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos Art. 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

- 1.º Os cidadãos portugueses de sexo masculino, maiores ou emanipados, que saibam ler e escrever português;
- 2.º Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores e emanciados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos idministrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos eguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto brofissional e imposto sôbre a aplicação de capitais:
- 3.º Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emanciados, com as seguintes habilitações mínimas:
 - a) Curso geral dos liceus;
 - b) Curso do magistério primário;
 - c) Curso das escolas de belas artes;
- d) Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música lo Porto.
 - e) Cursos dos institutos industriais e comerciais.
- 4.º Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições ixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número consideram-se chefes de amília as mulheres viuvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sôbre si.

5.º - Os cidadãos portugueses do sexo femino que sendo casados, saíbam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por pens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

- a) Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- b) Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- c) Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alinea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de bleo da Junta de Freguesia;
- d) Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições jou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º, faz-se:

- a) Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do leitor;
 - b) Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre êles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública formarespectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º, da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

- 1.º Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- 2.º Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notòriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por
- 3.º Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados; sentença;
- 4.º Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- 5.º Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- 6.º Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;
- 7.º Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;
 - 8.º Os que notòriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição ne Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias, e morada.

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados num jorna dêste Concelho.

Pacos-do-Concelho, 5 de Dezembro de 1946.

DEFESA TERRA

A última «volta» a Portugal em bicicleta despertou me algumas considerações sôbre a diterença com que são tratados os homens que cultivam o desporto e os que cultivam a terra.

Todos os seres viventes — homens, plantas e animais — se alimentam da terra ou do que ela produz. A terra tudo cria, tudo consome e tudo transforma. Todos os homens consomem o que a terra produz, mas só uma parte dêles a cultiva. Nenhum trabalho é, certamente, tão rude, tão penoso e tão exaustivo como o cultivo da terra. Os homens que são criados nas cidades não fazem uma ideia aproximada dos sacrificios de tôda a ordem, suportados pelos seus semelhantes que cultivam a terra, por conta própria ou alheia.

Nos campos ninguém vive à boa vida, enquanto poder trabalhar; as crianças são ensinadas, desde tenra idade, a produzir algum trabalho útil conforme as suas posses. Não se encontram lá os bandos de garotos, em correrias e tropelias, que se nos de-param nas terras grandes.

Pois apesar da absoluta utilidade, imprescindibilidade e necessidade de cultivar a terra, nenhuma classe é tão esquecida e menosprezada como a do trabalhador rural. Os desportistas são animados e acarinhados. Recebem palmas, «vivas» e ovações (quando não recebem também algum pontapé, casual ou propositado, de algum adversários exaltado). Os jornais estampam lhes os retratos e os nomes em grandes letras e enchem colunas a elogia-los. O comércio e a indústria oferecem lhes valiosos brindes, com a mira no rèclamo.

Na última volta os corredores foram obsequiados com banquetes, recepções, apoteoses, muitos brindes e, por fim, com importantes quantias em dinheiro. Os jornais diários, como sempre, foram os primeiros animadores, enchendo páginas inteiras, diáriamente, com relatos minuciosos, fotos dos estradistas, gravuras das paísa-gens por onde passavam, etc., etc.

«Quem quer bons oticios aprende-os», como diz o povo.

O lavrador de todo mundo é sobrecarregado com tributos e impostos. Recolhidos os géneros que a terra lhe deu, em troca de trabalhos e canseiras sem par, começam a aparecer-lhe solicitações de donativos em géneros.

Ultimamente está tomando incremento uma simpática modalidade de peditório: os «Cortejos de Oferendas» a favor das Misericórdias, beneméritas instituições, quase sempre lutando com dificuldades financeiras.

Alarmam-se, por êsse mundo, os colossos da Imprensa com o despovoamento dos campos e o congestionamento das cidades.

Seria justo criar melhores condicões de vida ao homem do campo, para lhe tirar o desejo de abandonar a sua terra. Sobretudo executar melhoramentos nas regiões mais atrazadas, onde o despovoamento se faz em maior escala.

Acarinhar e conceder melhor bem--estar às populações das nossas aldeias afigura-se-me um acto de merecida justiça e de boa política social.

Pedroso & C. L. da

SÉDE:

PEDROGAO GRANDE

TELEFONE: 13

Transportes de MERCADORIAS

para todo o País

Serviços colectivos entre:

PEDRÓGÃO GRANDE

> FIGUEIRÓ dos

VINHOS

TOMAR

POMBAL

COIMBRA

AUTOMÓVEL DE ALUGUER

Gazolina

Öleos

"VACUUM,

AGÊNCIAS EM:

FIGUEIRO DOS VIRBOS

Castanheira--de-Pêra

POBRES DE PEDIR...

veria dar lhes o pão e o confôrto, e aqueloutras, que acobardadas, medrosas da vida se aviltam e se des-leixam, lançando-se na inteira de-pendência da caridade dos mais?

Afigura-se-me que não. Merecem, por ventura mais as segundas do que as primeiras a nossa compaixão e o nosso auxílio?

Ñão. Incontestávelmente que não. E' certo que a sociedade, frivola e mal organizada, é a responsável de ambas as situações. Mas, infeliz-mente para os pobres de pedir, há sempre palavras de confôrto, sempre um caldinho quente para lhes matar a fome. Para os outros, porém, que trabalham e que produzem, há o sarcasmo mordente desta sociedade má, que a gargalhar com cinismo lhes aponta os vestígios de mal escondida miséria e lhes chama, sa-lientando-lhes o ridículo: os «pelin-

E' esta a justiça dos homens...

CARLOS RUAS

Já era azar!...

Em 13 os convivas naquela viagem maravilhosa, através o Mediterraneo, que esteve em riscos de não se etectuar se, providencialmente, não descobrem

A passageira n.º 14 (n.o 5 da Biblioteca Feminina) Edição BOLSA CULTURAL

LISBOA

TELEF .: 2 849 PRAÇA DO

Comércio, 19-21 Coimbra

Grandes Armazéns

Malhas § Miudezas

§ Atoalhados § Quinqui-

lharias § Papelaria

M

MODAS E HOVIDADES

W

Magalhães & Conde, Limitada

(Casa fundada em 1900)

Lubrigaz, Limitada

Concessionários

((DODGE))

Todos os acessórios e sobrecelentes para

Automóveis

Artigos Industriais

Agência

Sacor-Cidla

Óleos lubrificantes Valvulinas Massas consistentes Gasolina § Petróleo Gasóleo GAZCIDLA

Estação de Serviço

Oficinas de Reparação de Automóveis

e Serralharia Civil

Reparações mecânicas de automóveis § Encamisagem e rectificação de cilindros § Soldaduras a autogénio e electrogénio

SERVIÇOS DE:

Bate-chapas, estofador, pintor, etc. ---

Secção de:

REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

LEIRIA

Rua Capitão Mousinho Albuquerque, 8-42

Apartado 10 — Telef.: 135

DAVID CALADO

Mais um ano e novos triunfos

já o seria o que representa a in- tar os locais que os perderam, e ctores e servido por valiosas penas lação em que viu a luz primeira -se a ruína. e com que foi amparado nos prieconómica asfixiada por diversos factores - em que se conta principalmente - a insaciabilidade humana.

Por tudo isto — um jornal representa na quadra infeliz que rense» — vem estimulando, acavem desta guerra, como o fôra rinhando, lembrando e defenapós a outra - de 1914-1918, um título de justificado orgulho derar-se de melhoria na vida de uma batalha — ferida com no- como quanto aos bens da Terra,

Essa batalha - rude, vemcomo tôda a Imprensa Regionalista, - que ainda se conserva de em mar tão encapelado e sucum- meritória acção, orientada pelos SOEIRO DA COSTA

meiros passos quase sempre vaci- tôda a honesta Imprensa vem e honrosíssimo legado tão nobilantes; mas maior triunfo vencer terçando armas — por modo a litante Luta e uma determinação a difícil barreira da sua vida que não subsista por mais tempo no trilho a seguir. o que foi condenado na frase lapidar d'Alguem, quando disse: «enchem-se os cofres à custa da miséria alheia»...

Além, disso «O Castanhei. dendo o que pode e deve consi-- porque equivale a ser-se herói populacional da area que serve, breza, elevação e dignidade con- que bem o merece - como tra verdadeiros crimes extorcio-nistas.

Castanheira - de - Pêra — quando olhamos à dedicação, à inteligência, qualidades e faculdades -na vencendo «O Castanheirense» de tantos dos seus filhos que a ilustram.

«O Castanheirense» — pode pé, — embora, tanto dos seus dizer se afoitamente, pois, que decimento, sobretudo da Pátria. arautos que procuravam singrar tem desenvolvido uma notável e

Triunfo na vida jornalistica biram, — não sendo para felici- seus Distintos e Honrados Direteligente directriz de quem dirige particularmente os bons, humil- — em que me conto mais que por um jornal colhendo simpatias des, dignos e honestos cidadãos meus méritos, por minhas intenno público ledor e nas pessoas que se viram sem mais êsses ções e que sou dos que o viram que o apreciam pelo que traduz baluartes em favor ou melhor em nascer, por assim dizer, quando de benéfica a sua acção e influên- defesa da sua economia ameaça- comecei de emprestar-lhe a minha cia na vida da localidade e popu- da, a ponto de começar de sentir- colaboração — Dever que me impuz, quando em meus ascen-E' sobretudo aqui que quase dentes, encontrei como glorioso

> E' pois, «O Castanheirense» - na pessoa da sua Ilustre Direcção, Colaboradores e pessoal que o trabalham, digno dos mais efusivos cumprimentos, que me partem do coração; fazendo votos para que prossiga na honrosa estrada, de que nunca se desviou, e se é possível obra, de cada vez, mais os braços, aos que nada mais pedem: - o patrocínio aos seus lavores jor na lísticos que que visam à regeneração do homem, ao bem colectivo, à paz, ordem, tranquilidade dos espíritos e ao fortalecimento da moral tão abalada e ao bem e engran-

Serviços dos C. T. T.

«O Castanheirense» aludiu no seu número de 20 de Setembro findo à necessidade da instalação de um pôsto telefónico em Pêra.

Informa nos, a este respeito, a Administração Geral dos CTT que a montagem deste posto se faz a requisição dos interessados imprescindível o preenchimento, para o efeito, da formula modelo nº 555, que pode ser requisitada e entregue numa estação dos CTT.

E' ainda necessário que a entidade requisitante assuma a responsabilidade do pa-gamento de taxas e outras, de acôrdo com o preceituado no n.º 55 do Regulamento de Exploração e Tarifas da rede telefónica nacional.

No entanto as requisições apresentadas no momento presente não podem ser atendidas imediatamente em virtude da falta de material, ficando registadas para se satisfazerem quando chegas a sua vez.

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio) Telefone 22070 LISBOA

Consultas às 17 horas

Remeta Esc. 2\$50 em selos de correio e receberá um exemplar da revista de rádio RADAR, com esquema em suplemento.

Dirija a carta apenas com este endereço: R., Apartado 96 — Lisboa.

KEREERE KEREERE KEREERE & General Assurance Society Limited

Companhia de Seguros Inglesa (Fundada em 1836)

INCENDIOS,

Portugal Gerais em

Corporação Internacional de Seguros -- S. A. R. L.

AVENIDA DOS ALIADOS, 54 — Telef.: 1 384-1 374-(P. B. X.) — PORTO

Agente em Castanheira-de-Pêra e Região: José Coelho Júnior

De Figueiró-dos-Vinhos

Ocorrespondente de «O Castanheirense » nesta Vila, cumprimenta seus Amigos e Assinantes, desejando-lhes um Novo Ano Feliz.



Dr. Manuel Simões Barreiros Presidente da Câmara Municipal



Rev. P.e António Almeida Inglez



Tenente Carlos Rodrigues Vi e-Presidente da Câmara Municipa,

A FALTA DE PUBLICAÇÃO DE "O CASTANBEIRENSE"

E' motivo de regosijo, prezados assinantes e amigos de «O Castanheirense», o publicação não se fêz desde o dia 20 mencionado, facto de que nos dois nûmeros anteriores se lhes deu conhecimento. Mas em virtude da má distribuição, a alguns dos nossos prezados assinantes que ora recebem ora não êste jornal amigo, não tiveram conhecimento. Isto niostra o interêsse que manifestam pelo nosso «Castanheirense» e por tal, muito reconhecidos.

Figueiró-dos-Vinhos

Beleza rústica e jardim da natureza

Sem dúvida nenhuma, Figueiró, a pérola do distrito de Leiria, é beleza incomparável, é canteiro sempre em flor, é jardim viçoso que não encontra rival.

Os seus lugares de sonho, os seus recantos verdes e arborizados onde apetece e sabe bem amar - verdadeiras maravilhas - são tantos, tantos, que até se lhe perde o conto, com o medo de se enganar . . .

O perfume que dêles se evola, é inebriante, é partícula odorífera que sabe e dispõe bem!...

O Zézere, corre por entre escarpas povoadas pelo verde-amarelado dos pinhais; a Lapa da Moura, circundada por rochas escalpeladas, tem um lençol de água rutilante que será fôrça e energia, luz e confôrto; a Lavandeira, tão bela e ridente, dum cenário efusivo, dum cenário que é sonho, é amor!

A Fonte do Cordeiro, com àgua tão fresquinha e tão leve; as Fragas de S. Simão, beleza insofismável, ruticismo puro, discrição nas côres e

no vestir; e, tantos, tantos outros que são recônditos da sua alma sã. E' impossível resistir-se, é impossível ficar se impassível, perante a paisagem deslumbrante que passa pelos nossos olhos, pelos seus ares de serra filtrados pela saúde forte dos pinheiros, perante as suas águas, perante Figueiró todo.

Malhôa, êsse mago da pintura com luz, foi conquistado, ficou prêso pelo que era Belo.

Amor! Só o amor sabe bem em Figueiró, em Figueiró paisagista, em Figueiró rústico, no Figueiró de toda a gente!...

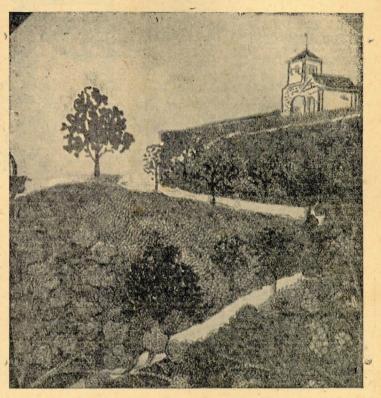
E' a Natureza a cantar — a Natureza que dá vida a Figueiró — são as raparigas e os rapazes a cantar, é a água que canta — ao som melodioso que causam os ventos ao açoitarem, ao de leve, os pinheiros, as flores, as outras árvores!

Toda esta paisagem inédita, faz-nos contemplativos, absorve-nos, torna-nos amorosos, ternos, dados, sorridentes e alegres.

O Sol brilha, brilham as estrêlas, correm os ventos, floresce a verdura, para quê?

- Para dar saúde, fôrça, vigor. Para escorraçar o ódio e dar lugar ao amôr! - a um amôr quente a que essa verdura tôda dá esperança...

- E, absorto, em pensamentos vagos, eu vou sonhar, sonhar com a beleza e a graça de Figueiró — vou sonhar com todo aquêle mundo paradisíaco, aquêle sonho que é vida e é amôr! . . . — J. M. D. A.



MONTE DO CABECO DO PIÃO

Ponto mais elevado desta Região, de onde se disfruta panorâma encantador, vendo-se a capelinha de Santo António dos Milagres abandonada e quase destruída

MAJOR NEUTEL ABREU

Fêz no dia 8 de Dezembro último um ano que Figueiró-dos-Vinhos viu partir para sempre um grande filho, o glorioso Major Neutel de Abreu. A obra colonizadora do grande Major Neutel é por todos conhecida, hoje e sempre estará patente, dispensa-nos recordar portanto descrevê-la.

Se fôsse vivo Major Neutel, fazia 75 anos no passado dia 3 de Dezembro. Durante tôda a sua vida, disse--nos êle muitas vezes, não gozou um momento tranquilo, nem quando lhe foi dada ordem de transferência para o quadro de reserva que o seu estado de saúde impôs, para descansar onde quizesse, nos anos que lhe restavam. Escolheu a pequena povoação que lhe serviu de berço, Várzea Redonda, a 4 quilómetros de mau caminho, afastada desta vila, vindo mais tarde para aqui, onde mais rápidamente poderia ser socorrido numa das suas crises

O grande soldado do exército colonial português sofria muito. E porque a sua saúde lhe não permitia viver em terras africanas que tanto amava, privando-o da convivencia com o povo indígena e inúmeros amigos brancos, sentia profundo desgôsto. Quando Major Neutel lembrava os dias de sacrifício que passou em terras de Atrica em luta pela independência, tinha sempre um sorriso e tôda a sua maior satistação, era recordar aqueles tempos, os seus amigos e companheiros, não esquecendo aqueles que, pela Pátria amada, lá deixaram a vida.

Figura Gloriosa de Major Neutel Abreu, «Ma-Hon» !... «Ciclone» !...

Vives no nosso pensamento e em tua memória aqui te prestamos home-



Abílio David dos Reis

Solicito Correspondente do nosso jornal em Figueiró-dos-Vinhos, é um dos mais dedicados colaboradores, que secunda com entusiásmo esta espinhosa missão da Imprensa.

- O CASTACHERENSE -

COMSTRUTORES CIVIS

Saíu o número 80, referente ao mês de Dezembro do ano findo, desta esplêndida revista oficial do Sindicato Nacional dos Construtores Civis, que se publica em Lisboa sob a competente direcção do sr. Manuel Madeira.

Impressa a duas côres, estampa modelos de confortáveis prédios, acompanhados de elucidativa prosa.

A execução gráfica desta publicação é das oficinas de «O Castanhei-

«VIDA RIBATEJAHA»

Este semanário de Vila Franca de Xira apresentou nos o seu magnifico número dedicado à Festa da Família. São 24 páginas ilustradas, sortidas de boa prosa, com larga publicidade.

«VIAGEM»

Esta bem colaborada revista de cultura e turismo, dirigida pelo distinto jornalista Carlos d'Ornellas, publicou um número alusivo ao Natal.

Como habitualmente apresenta-se com atraente aspecto e com leitura firmada por brilhantes escritores.

"ARABECA"

Semanário de Portalegre, dirigido pelo nosso distinto Camarada João Diogo Casaca, entrou no XXXII ano de luta pela prosperidade da terra que defende. Dentro da leal doutrina democrática tem sabido dignificar a causa em que milita.

Apresenta o número comemorativo do seu aniversário com artigos traçados por canetas de renome, publicando fotos do Director, de alguns seus colaboradores em evidência e de outros que a morte ceifou.

Cumprimentamos o vigoroso colega e quantos com êle trabalham, desejando-lhe futuro próspero.

"BOLETIM DA PESCA"

Recebemos o n.º 13 de Dezembro de 1946. Conta 105 páginas, à parte a publicidade. E' um útil volume que interessa, em especial, à gente do mar.

«O EDUCADOR»

Encetou o XV ano de publicação êste semanário pedagógico, proficientemente dirigido pelo professor Artur Alves Dias.

Desejamos ao esclarecido, confrade carreira desafogada.

"JORHAL DE MONSÃO"

Completou II anos de existência êste quinzenário do Alto-Minho. O seu número alusivo à data é impresso a três côres e insere apreciável colaboração.

«RERASCEHÇA»

Atingiu 21 anos de actividade êste quinzenário de Mangualde.

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio) Telefone 22070 LISBOA

Consultas às 17 horas

TRANSCRIÇÃO

«Notícias do Douro» de 24 de Dezembro do ano que expirou, transcreveu do nosso jornal o artigo «Regionalismo» sôbre o jornalista e pu-blicista Bandeira do Tóro, da lavra do nosso considerado colaborador R. Laranjeira. Reconhecidos.

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 8\$40 Cobrança pelo correio mais 1\$00 PUBLICA-SE NOS DIAS

1, 10 e 20 DE CADA MÊS ASSINATURAS

Estrangeiro: ano 44\$70 Império Português: ano 37\$20



Museu Etnográfico

Os sonhos entre os antigos

S sonhos entre os antigos foram de uma extraordinária fé, a ponto de se julgar tirar deles conclusões futuras. Ouem lêr o Antigo e Novo Testa-mento, verá que se referem a muitos sonhos, como por exemplo os de Jacob, os dos

Faróos, do copeiro, padeiro-mór, do José, do São José, da mulher de Pilatos e tantos outros.

Os israelistas dividiam os sonhos em naturais e sobrenaturais. Segundo a lei moisaica era expressamente proibido procurar a explicação dos primeiros. Para a dos segundos tornava-se necessário recorrer a Deus e aos profetas. O Sumo Sacerdote, revestido dos seus paramentos mais ricos, tinha o privilégio de os interpretar. Os sacer-dotes egipcios, os da Caldeia, tinham vaidade em compreender os sonhos. Os esposos de Sparta dormiam no Templo de Pasifa a-fim-de serem instruídos por sonhos sôbre o que interessava ao bem público.

Hercules, Serapis, Fanho proferiam os seus oráculos em sonhos. Chegavam até a divinizar os sonhos sob os nomes de Morfeu, Fobetor, Tantaso que habitavam somente as casas dos reis e dos grandes senhores. Os romanos eram tão desejosos de conhecer o futuro e entregavam-se a tôda a sorte de superstições que não podiam deixar de ter grande importância por eles.

Dormiam nos santuários dos Deuses para desvendarem o futuro durante o sono. A explicação dos sonhos era uma parte principal da ciência dos adivinhos. Os próprios acontecimentos extraordinários era, conforme a crença vulgar, anunciada sempre em sonhos.

César diz, Sultónio, sibi visus est per quistem, interdum supra nures volitare, et balpurnia uxar imaginata est maritum in qumio suo confodí (J. Caes. 82).

Penamacor - Natal de 1946.

Prof. José Manuel Landeiro

Acto de honradez

Quando procedia à recolha de correspondência do marco-postal desta Vila, na Praça Visconde de Castanheira-de-Pêra, o empregado dos CTT, sr. João Esteves Ferreira, foi surpreendido com o achado de uma nota de 1.000 escudos, misturada entre várias cartas e postais: Numa atitude dignificante o zeloso funcionário apresentou-se imediatamente junto de seu excelentissimo Chete sr. João Jorge Felizardo, entregando-lhe aquela importância. Este cavalheiro indagou da identidade do distraído, não tardando a aparecer o dono do precioso papel moeda, comunicando à Administração Geral dos CTT o honesto procedimento do seu subordinado, a qual, por sua vez, distinguiu o sr. Esteves Ferreira com um voto de louvor.

E' digno de registo e de admiração o procedimento do honrado distribuidor.

Orfeão do Porto

Na sede dêste modelar organismo, à Praça da Batalha, realizou-se no dia 18 de Dezembro do ano findo a Assembleia Geral Ordinária, para se proceder à eleição dos Corpos Gerentes para o corrente ano.

Alvará DE LAGAR DE AZEITE

Vende-se. Informa a Administração dêste jornal.

Aos interessados

Pela GNR foram-nos fornecidos os seguintes informes:

São proíbidos espectáculos, audições, bailes e divertimentos de qualquer natureza, sem a observância do Decreto n.º 34590 e Decreto-lei n.º 35165, respectivamente de 11 de Maio e de 23 de Novembro de 1945.

— Que o exercício da caça terminou em 15 do corrente.

E' proibido cães à solta em terreno frequentado por peças de

- Na via pública devem todos os cães usar açaimo.

A infracção obriga a aplicação do rigor da Lei.

« O Problema da Habitação»

A Cooperativa «O Problema da Habitação» realizou no dia 26 de Dezembro findo, com a presença de ilustres membros do govêrno e entidades oficiais, a sessão solene para a inauguração da nova sede social, sita à Praça da República, na Capital do Norte, comemorando assim a passagem do 20.º aniversário da sua fundação.

Falaram conhecidos oradores que expuzeram o fim a que se destina a simpática Cooperativa, elevando a sua prestimosa acção.

Agradecemos o amável convite que nos foi endereçado.



Partidas e chegadas :

No dia 22 de Dezembro chegou a Figueiró-dos-Vinhos o sr. José David dos Reis, irmão do nosso estimado correspondente naquela vila, sr. Abílio David dos Reis, vindo de Lourenço Marques.

Visitas à nossa Redacção:

Cumprimentamos na nossa Redacção o sr. Francisco António dos Santos, empregado comercial em Lisboa, que se fazia acompanhar de sua espôsa senhora D. Eulá-

lia Lopes, sua filha e mai.

— Também estiveram nesta Redacção, onde tivemos o prazer de os cumprimentar, os senhores Joaquim Nunes e Manuel Nunes, de Lisboa, e Avelino Bernardo Nascimento, comerciante em Bucelas (Freixial)

Casamentos:

Realizou-se no dia 21 de Dezembro ne Realizou-se no dia 21 de Dezembro ne 1946, nesta Vila, o casamento da exceledtíssima senhora D. Maria Margarida de Oliveira Frazão, Directora da Casa da Criança Rainha Dona Leonor. de Castanheira-de-Pêra, com o Sr. Victor Rufo de Aguiar Barradas Leal, Delegado Concelhio da Intendência Geral dos Abastecimentos em Leiria

em Leiria.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a excelentíssima senhora D. Maria Adelma Agnos Ferreira, e o irmão da noiva, o médico Sr. Dr. Francisco João de Oliveira Frazão; por parte do noivo, sua Mãi, excelentíssima senhora D. Cacilda de Aguiar Barradas Leal, e o irmão do noivo, o advogado Sr. Dr. Joaquim Edmundo Aguiar Leal.

Aos nubentes, que são dotados de pri-morosos dotes de carácter e de educação, deseja «O Castanheirense» muitos paraben-e as mais sinceras felicidades.

Nascimentos:

No Porto, deu à luz uma robusta crian-

No Porto, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a excelentíssima senhora D. Alda Bebiano Ceppas de Campos, dedicada espôsa do Sr. Dr. Campos, distinto clínico naquela cidade.

Ao venturoso casal e aos avós-materno s excelentíssimo Sr Manuel Alves Ceppas, industrial de lanifícios desta Vila, e a sua dedicada espôsa, excelentíssima senhora D. Delmira Bebiano Ceppas, o Castanheirense felicitações.

FALECIMENTOS

Agostinho Teles Pinto

No dia 20 do corrente faleceu na Serra No dia 20 do corrente faleceu na Serra da Louză, quando era conduzido a Coimbra para se sujeitar a intervenção cirúrgica, o sr. Agostinho Teles Pinto, alfaiate residente no Proviscal.

O extinto, que contava 30 anos de idade, era muito estimado pelas suas excelentes qualidades morais, deixa viúva a senhora lzaura Salgueiro Pinto, com dois filhos menores.

menores.
Era filho do sr. Adelino Pinto Sério, já falecido, e da senhora Esménia Pinto Sério; enteado do sr. Joaquim Sério, motorista da carreira entre esta Vila e Coimbra.
O funeral realizou-se no mesmo dia para

o Cemitério Municipal desta localidade, com grande acompanhamento de pessoas do Troviscal e de Castanheira.

Maria Celeste dos Prazeres

Na Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra, faleceu no dia 18 do passado mês de Dezembro, a senhora Maria Celeste dos Prazeres, espôsa do sr. Abdias Alves de Almeida, operário, desta Vila.

Era filha do sr. João Francisco e da sente a Maria dos Prazeres A finada que conse

nhora Maria dos Prazeres. A finada que contava 39 anos, ficou sepultada no Cemitério da Conchada, daquela cidade, e deixa uma filhinha na florescência da infância.

A's famílias de luto apresenta «O Cas tanheirense» condolências.



TELEFONE: 29

VACINAÇÕES

Figueiró-dos-Vinhos